IGREJA PRESBITERIANA NACIONAL

escola bíblica dominical | ebd

ELEIÇÃO, LIVRE ARBÍTRIO E EVANGELIZAÇÃO

"DEPENDÊNCIA DE DEUS OU APELO À VONTADE HUMANA?"

Professores: Pb. Eber Hávila Rose
Guilherme Ledes

Sumário

Lição 1 – A Soberania Divina 1
Lição 2 – Soberania Divina e Responsabilidade Humana – Parte 1 – Quatro perspectivas diferentes.....5
Lição 3 – Soberania Divina e Responsabilidade Humana – Parte 2 – Visão Reformada 11
Lição 4 – O Livre-Arbítrio ou Arbítrio-Escravo? 15
Lição 5 – A Evangelização – Parte 1 – Os Perigos de uma Evangelização Descomprometida 19
Lição 6 – A Evangelização – Parte 2 – Apresentação Genuína do Evangelho de Cristo 23
Lição 7 – Soberania Divina e Evangelização – Parte 1 – O Chamado do Evangelho 27
Lição 8 – Soberania Divina e Evangelização – Parte 2 – A Vocação Eficaz 31
Lição 9 – Conclusão 35

ELEIÇÃO, LIVRE ARBÍTRIO E EVANGELISMO

Dependência de Deus ou Apelo à Vontade Humana

Lição 1 – A Soberania Divina

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Guilherme Ledes

BASE BÍBLICA CENTRAL: 1 Cr 29.10-14

Este é a declaração vigorosa de Davi sobre a supremacia de Deus sobre todas as coisas e que tudo a Ele pertence e Dele vem.

IDEIA CENTRAL

Deus reina soberano sobre tudo e sobre todos. Ele é o início, o meio e o fim. Ele controla todas as coisas debaixo do Seu poder infinito. Nada pode resistir à sua Vontade soberana. Deus é a fonte, o sustentador e o justo fim de tudo o que existe.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: O que significa a soberania de Deus e as implicações práticas para a vida cristã.
- Ser: Um crente humilde e submisso reconhecendo que só Deus merece todo o louvor.
- Agir: Glorificar, exaltar e proclamar o Deus soberano com temor e tremor.

INTRODUÇÃO

Não existe época mais importante que a atual para se dar ênfase especial para o precioso ensino da supremacia de Deus sobre todas as coisas. As influências dos ensinos seculares têm ofuscado a maravilhosa apresentação que a Bíblia faz do Deus Todo Soberano. Com o crescimento do Humanismo, Deus deixa de ser o centro de todas as coisas no pensamento humano e o homem assume um posto que a Bíblia não lhe dá. Isto tem levado o homem a desvalorizar o Deus criador de todas as coisas e soberano sobre tudo. Isto ocorre porque eles querem entender Deus a partir de uma perspectiva humana, de um mundo em desordem e um caos generalizado. Deste ponto de vista, eles enxergam um Deus fraco, "tomado de intenções benévolas, mas incapaz de levá-las a bom termo; que deseja sinceramente abençoar os homens, mas estes não Lhe dão licença para fazê-lo"[1].

Precisamos ver o mundo e as verdades que nos rodeiam a partir de uma perspectiva bíblica, a partir de uma visão de Deus. Somente por aí vamos entender o caos e o sofrimento porque passa o mundo atual. As profecias de Judas 8 e 2 Pe 2.10-12 estão se

cumprindo. Deus está no controle de todas as coisas, Ele está no trono do universo, o cetro está em Suas mãos e Ele dirige todas as coisas 'conforme o conselho da Sua vontade'. "As Escrituras afirmam não somente que Deus criou todas as coisas, mas também que o Senhor domina e reina sobre todas as obras das suas mãos. Afirma que Deus é o Todo-Poderoso, que Sua vontade é irreversível, que Ele é soberano absoluto em cada recanto dos seus vastos domínios."[1] Quando temos uma visão cristalina da grandiosidade de Deus, da Sua majestade, da Sua grandeza, do Seu poder soberano, a nossa mente se abre, se expande em novos horizontes. Então passamos a ver todas as coisas de uma perspectiva totalmente diferente da do mundo, incluindo Deus em tudo, encarando tudo do ponto de vista de Deus, calculando os valores segundo padrões espirituais, contemplando a vida à luz da eternidade. Só assim podemos nos manter calmos em meio à tempestade.

O foco principal deste curso é apresentar as verdades reveladas nas Sagradas Escrituras, particularmente aqueles relacionados à soberania de Deus, com ênfase nas implicações deste ensino da responsabilidade da igreja na evangelização de todo o mundo.

SOBERANIA DE DEUS - DEFINIÇÃO

"Soberania de Deus! Que queremos dizer com essa expressão? Queremos afirmar a supremacia de Deus, a realeza de Deus, a divindade de Deus. Dizer que Deus é soberano é declarar que Deus é Deus. Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele é o Altíssimo, o qual tudo faz segundo sua vontade no exército dos céus e entre os moradores da terra; 'Não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?' (Dn 4.35). Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele é onipotente, possuidor de todo o poder nos céus e na terra, de tal maneira que ninguém pode impedir os seus conselhos, contrariar os seus propósitos ou resistir à sua vontade (Sl 115.3). Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele 'governa as nações' (Sl 22.28), estabelecendo reinos, derrubando impérios e determinando o curso das dinastias, segundo o seu agrado. Dizer que Deus é soberano é declarar que Ele é o 'único Soberano, Rei do reis e Senhor dos senhores' (1 Tm 6.15). Este é o Deus da Bíblia" [1]

A soberania é uma característica inerente de Deus. Retirar isto é eliminar Deus. Ele é soberano em todos os seus atributos. Ele é soberano no exercício do Seu poder, que é exercido conforme Ele quer, quando Ele quer e onde Ele quer. Deus é soberano na delegação do Seu poder a outros. Deus é soberano no exercício da Sua misericórdia. A misericórdia não é um direito dos miseráveis, que merecem o castigo, não a misericórdia. Deus é soberano no exercício da Sua graça. A justiça demanda que a lei seja aplicada e que cada um receba o que merece legitimamente.

Deus é soberano na criação, tanto de anjos, como do universo na sua beleza incalculável. Deus é soberano na administração, moldando o destino das nações, controlando a história dos impérios, determinando os limites das dinastias. "O Senhor Deus onipotente reina. Seu governo é exercido sobra a matéria inanimada, sobre as feras do campo, sobre os filhos dos homens, sobre os anjos bons e maus e sobre o próprio Satanás. Nenhum movimento de qualquer astro, nenhum piscar de qualquer criatura, nenhuma ação humana ou missão de anjos, nenhum dos atos de Satanás – nada, em todo o vasto universo, pode acontecer, sem que faça parte do eterno propósito de Deus. Nisto há um fundamento para a fé; nisto se mostra lugar para o intelecto descansar. Aqui há uma âncora para a alma, segura e firme. Não o destino cego, não o mal desenfreado, não o homem, não o diabo, mas o Senhor onipotente é que rege o mundo, governando-o segundo o seu beneplácito e para a sua própria glória eterna." [1] Deus é soberano na salvação.

Como afirmou Benjamin Warfield: "Na infinita sabedoria do Senhor de toda a terra, cada evento se realiza com precisão em seu próprio lugar, no desdobramento de seu plano divino. Nada, por pequeno e estranho que seja, ocorre sem estar prescrito, ou em sua particular adequação a seu lugar, na realização de seu propósito; no fim de tudo, será manifestada sua glória e aumentado seu louvor. Esta é a filosofia do universo, tanto no Velho como no Novo Testamentos, uma visão do mundo que alcança unidade num decreto ou propósito ou plano absoluto do qual tudo o que acontece é apenas seu desdobramento no tempo."

A SOBERANIA DE DEUS É CONSEQUÊNCIA DE SEUS ATRIBUTOS

CFW cap 2.1 "Há um só Deus vivo e verdadeiro, o qual é infinito em seu ser e perfeições. Ele é um espírito puríssimo, invisível, sem corpo, membros ou paixões; é imutável, imenso, eterno, incompreensível, - onipotente, onisciente, santíssimo, completamente livre e absoluto, fazendo tudo para a sua própria glória e segundo o conselho da sua própria vontade, que é reta e imutável. É cheio de amor, é gracioso, misericordioso, longânimo, muito bondoso e verdadeiro remunerador dos que o buscam e, contudo, justíssimo e terrível em seus juízos, pois odeia todo o pecado; de modo algum terá por inocente o culpado."

A Bíblia nos mostra que Deus é soberano, e esta é uma doutrina fundamental para o cristianismo, sobre a qual as propostas da doutrina reformada foram desenvolvidas. Partir do princípio da soberania de Deus é fundamental para entender a pessoa de Deus, sua criação e seu interesse por nós pecadores; assim como o plano de salvação. Sem entender a soberania de Deus, enfraquecemos o poder do sacrifício de Cristo, dando ao homem o poder de decidir sobre o curso de sua vida e da história da humanidade. Além de desvirtuarmos os decretos de Deus, para se adequarem às nossas intenções frágeis, inseguras e tendenciosas para o mal. O plano eterno e soberano de Deus é grande demais para ficar na dependência da debilidade humana.

O VALOR DESTA DOUTRINA

A doutrina da soberania de Deus não é um assunto exclusivo dos acadêmicos. Pelo contrário, ela tem implicações práticas de muita relevância para a vida cotidiana do crente:

1. Aprofunda nossa admiração pelo Caráter Divino:
2. Esta doutrina exalta a Graça Divina
3. Aumenta-nos o desejo de conhecer a sua Palavra
4. Repudia a heresia da salvação pelas obras
5. Leva a criatura a humilhar-se profundamente
6. Confere um senso de absoluta segurança
7. Oferece consolação na tristeza
8. Produz um espírito de terna resignação
9. Evoca um cântico de louvor
10. Garante o triunfo final do Bem sobre o Mal
11. Impulsiona-nos à santidade
12. Aumenta o nosso fervor evangelístico
13. Oferece um lugar de descanso para o coração

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

A soberania de Deus é uma doutrina fundamental, sobre a qual estão alicerçadas todas as verdades bíblicas. A compreensão deste ensino em sua profundidade é requisito necessário para preservar a igreja das influências humanistas atuais e manter os crentes tranquilos, confiantes e seguros, mesmo diante dos grandes desafios porque passa a igreja.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Procure meditar nas implicações práticas para a sua vida na compreensão em toda a sua amplitude do ensino sobre a soberania de Deus.
2. Ensinos atuais têm apresentado um Deus reduzido, destituído do Seu poder total. Quais os motivos, em sua opinião, levaram ao aparecimento de tais ensinos?

REFERÊNCIAS:

[1] PINK, A. W. **Deus é soberano.** São José dos Campos-SP: Fiel, 2002.

[2] PACKER, J. I. **Evangelização e a Soberania de Deus**: **Se Deus é Soberano na Salvação, por que Evangelizar?** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017.

[3] KENNEDY, D. James. **Verdades que transformam.** São José dos Campos-SP: Fiel, 2005.

ELEIÇÃO, LIVRE ARBÍTRIO E EVANGELISMO

Dependência de Deus ou Apelo à Vontade Humana

Lição 2 – Soberania Divina e Responsabilidade Humana
Parte 1 – Quatro perspectivas diferentes

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Guilherme Ledes

BASE BÍBLICA CENTRAL: Lc 22.22; At 2.23

Nestes dois textos são apresentados, em cada um dos versículos, as duas verdades bíblicas da soberania de Deus e da responsabilidade humana. A Bíblia não se preocupa em apresentar como pode haver harmonia entre estas duas verdades, mas simplesmente as apresenta. Precisamos, pois, afirmar ambas como verdades de Deus.

IDEIA CENTRAL

A soberania de Deus e a responsabilidade humana estão presentes de forma clara e explícita em toda a Bíblia. Teólogos e pensadores têm se debruçado sobre estas questões e apresentam diferentes entendimentos sobre como compatibilizá-las.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: Quais são algumas visões para relacionar soberania de Deus e responsabilidade humana.
- Ser: Um crente que tenha convicções sólidas sobre este tema complexo.
- Agir: Glorificar a Deus pelo que Ele é e pelo que Ele faz, em todas as circunstânicas.

INTRODUÇÃO

É de fundamental importância preservarmos o equilíbrio da Verdade de Deus quando se fala de temas de tamanha importância. Estamos nos referindo à Soberania de Deus e a Responsabilidade Humana. Erros têm se repetido em negligenciar qualquer um destes ensinos abundantemente apresentado na Palavra de Deus. “Ressaltar a soberania de Deus, sem afirmar, ao mesmo tempo, a responsabilidade do homem, tende ao fatalismo; preocupar-se tanto em manter a responsabilidade do homem, ao ponto de perder de vista a soberania de Deus, é exaltar a criatura e desonrar o Criador.”[2]

Este debate é muito intenso entre os teólogos. Como conciliar estas duas verdades bíblicas? Se Deus exerce controle absoluto, de que maneira as decisões humanas são

decisões verdadeiras? Em que sentido podemos ser responsabilizados por nossas ações, se Deus é responsável por tudo? Com o propósito de enfrentar este debate, o livro da referência [1] apresenta quatro perspectivas sobre a soberania de Deus e responsabilidade humana através da visão de quatro teólogos e filósofos de linhas significativamente diferentes. Deve ser salientado que este livro não inclui nenhum representante que defende as posições do paradoxo, item que será abordado na lição 3 deste curso. As ideias apresentadas neste livro são tentativas de demonstrar que a soberania divina e o livre-arbítrio humano são logicamente compatíveis.

DEUS DECRETA TODAS AS COISAS – John S. Feinberg

O autor define a sua defesa de conciliar as doutrinas do controle divino com a liberdade humana como uma forma moderadamente calvinista. Em primeiro lugar estão as noções básicas de Indeterminismo e Determinismo. A questão está em como as causas, conjunto de causas ou condições causais (circunstâncias) influenciam a vontade. Os Indeterministas negam que qualquer causa ou conjunto de causas seja suficiente para determinar que a pessoa tome esta decisão, ao invés daquela. Já o determinismo declara que para tudo quanto vem a acontecer, há condições tais que, estando presentes, nenhum outro fato poderia acontecer. O modelo de Carl Hempel diz que se alguém puder estabelecer uma série de sentenças que enunciem condições antecedentes específicas, anteriores a um evento e, em seguida, adicionar outro grupo de sentenças que representem leis gerais que cubram tais eventos, tal pessoa poderá deduzir e predizer que esse evento particular vai ocorrer. Seria isto válido apenas para leis físicas ou também nas ciências sociais ou do comportamento? O determinismo defendido por Feinberg tem algumas características particulares. O determinismo teológico por ele defendido não deveria ser confundido com o determinismo das ciências físicas, em função da complexidade nas leis comportamentais.

Existe umas diferenças entre o determinismo causal e fatalismo. Este último crê em um destino traçado tão rígido que até mesmo Deus estaria dentro desta força controladora absoluta. Feinberg defende um determinismo causal. Ele advoga o que ele denomina de uma necessidade consequente. Desde que certas decisões tenham sido tomadas, determinas coisas seguem-se como consequência.

O caminho defendido por Feinberg para conciliar liberdade e determinismo envolve a definição de livre arbítrio. Ele crê que há lugar para um conceito genuíno de ação humana livre, embora tal ação seja causalmente determinada. Para isto ele define dois tipos de causas que influenciam e determinam nossas ações. “Por um lado, há causas constrangedoras que forçam o agente a agir de modo contrário à sua vontade. Por outro lado, há causas não constrangedoras, que são suficientes para promover uma ação; contudo, não forçam a pessoa a agir contra sua vontade, ou contra seus desejos.”[1]

Este tipo de determinismo também é conhecido como determinismo suave, ou compatibilismo, ou seja, uma ação humana genuinamente livre é vista como sendo compatível com condições suficientes, não constrangedoras, mas que inclinam a vontade decisivamente, de uma forma ou de outra. Ele defende, então, que essa noção de liberdade parece razoável se o agente é causalmente determinado para agir da maneira que agiria por si mesmo. Deus pode decretar todas as coisas e, ao mesmo tempo, nós estaremos agindo livremente, de acordo com o sentido compatibilista de liberdade.

DEUS SABE TODAS AS COISAS – Norman Geisler

De forma resumida, na visão de Geisler, Deus é soberano e controla todas as coisas, ao mesmo tempo em que o ser humano é livre e exerce o seu livre arbítrio. O ponto central deste entendimento é a visão de Deus como sendo um Ser simples, onde todos os Seus atributos formam uma unidade com Sua essência indivisível. Ele é um Ser eterno, para quem não existe prioridade cronológica. Se Deus é simples, Seus pensamentos não são sequenciais, mas simultâneos. Na verdade Deus estaria fora do tempo e não se prende a ele. Aquilo que temos, aquilo que somos e aquilo que decidiremos está presente diante de Deus em Seu eterno AGORA. Nesta visão, "nada neste universo, nunca, nem por um segundo, sai da soberana vontade de Deus. Deus determina tudo (até mesmo nossas decisões livres), e Seus propósitos últimos não podem ser frustrados. Daí decorre que tanto a presciência quanto a predeterminação são uma unidade, em Deus. Assim sendo, seja o que for que Deus sabe, ele o determina. Seja o que for que Ele determina, Ele o sabe." "Tudo é ação simultânea e coordenada de Deus"[1] Ele afirma então que deveríamos falar de Deus como Alguém que determina sabendo e sabe determinando.

Ele, portanto, se considera um calvinista moderado. Ele ainda apresenta duas outras perspectivas teológicas: Os arminianos e os calvinistas extremados. A diferença que Norman Geisler vê entre arminianos e sua própria visão (calvinista moderado) pode ser depreendida das seguintes frases: Para os arminianos "A predestinação de Deus baseia-se em Sua presciência". Para os calvinistas moderados "A predestinação de Deus está de acordo com Sua presciência". A diferença está então em "baseia-se em" e "está de acordo com". Por outro lado, o que ele chama de calvinista extremado nada mais é do que nós conhecemos como simplesmente calvinista.

Geisler tem muitas dificuldades com pontos fundamentais do calvinismo. Nos seus comentários sobre os cinco pontos de calvinismo ele mais se parece com um arminiano em sua exposição. Na verdade, Geisler mais parece um arminiano disfarçado de calvinista. Poderíamos, por outro lado, chamá-lo de arminiano sofisticado, pois englobou alguns pontos importantes do calvinismo. Mas, de fato, ele não pode ser chamado de calvinista.

DEUS LIMITA SEU PODER – Bruce Reichenbach

Reichenbach expõe o seu entendimento através de pontos relacionados a este assunto:

(1) Livre Arbítrio: Mesmo que condições causais sejam necessárias a fim de que as pessoas tomem decisões, estas condições causais não são suficientes para determinar-lhes as decisões e atos. Deus concedeu ao homem o livre arbítrio para que este escolha entre o bem e o mal, entre Deus e nós mesmos.

(2) Soberania de Deus: Deus é soberano em autoridade e poder, mas a habilidade do soberano na determinação dos fatos depende, em parte, da liberdade concedida aos governados. Neste caso, Deus resolveu limitar Seu poder e criar-nos dotados de livre-arbítrio. A soberania de Deus não exige, por necessidade que todo ato humano, ou não, seja predeterminado.

(3) Onipotência: Reichenbach crê em um Deus onipotente. No entanto, para ele, é preciso compreender bem o que significa onipotência, pois existem alguns atos que são contraditórios, absurdos, inexequíveis. Nestes casos, seria incoerente falar em Deus executar tais atos. Na sua visão, Deus Se limita ao criar indivíduos que são livres. Ele diz: "Deus não pode controlar-nos, ou compelir-nos a agir de modo a estarmos de acordo com Sua vontade ou com Seus planos, sem, com isso, destruir nossa liberdade."

(4) Onisciência: Ele cita duas possibilidades de entendimento no caso do relacionamento de Deus com o tempo. Ou Deus trata dos eventos, mas fora do tempo, transcendente do tempo ou independente do tempo, ou Deus está dentro do tempo, experimentando duração, ou sequência temporal. Ele defende esta segunda alternativa. Ele crê num Deus onisciente, mas o conhecimento de Deus não causaria o fato. Além disso, o conhecimento de Deus está estritamente ligado ao fato real, seja ele no futuro, ou em qualquer tempo. Ele afirma que Deus não teria como saber o que aconteceria se uma pessoa tomasse uma decisão diferente daquela que ele realmente tomou.

(5) Providência: Se referem às ações de Deus para executar os Seus propósitos. Estas ações podem ser diretas ou indiretas, sendo esta mais frequente. Na sua visão, Deus usa a persuasão, na maioria das vezes, para concretizar Suas intenções, visto que esta seria mais consistente com o livre arbítrio humano. Como Deus teria confiado Seu programa, em parte pelo menos, às pessoas, isto significaria, naturalmente, que às vezes os planos e propósitos de Deus são frustrados. Os fins últimos de Deus serão atingidos pela Sua providência. Na visão de Reichenbach Deus usa homens livres para atingir os Seus propósitos. Resumidamente: "Deus é soberano em autoridade e poder. Entretanto, Ele resolveu, por Si mesmo, limitar Seu poder e criar-nos dotados de livre-arbítrio, para que pudéssemos escolher entre o bem e o mal, entre Deus e nós mesmos."[1]

DEUS LIMITA SEU CONHECIMENTO – Clark Pinnock

Esta visão é relativamente nova, pelo menos, no meio evangélico. Ela é conhecida como "openteísmo" ou "teísmo aberto". Eles defendem que o futuro está aberto. Nem mesmo Deus teria conhecimento efetivo do futuro. Deus conheceria tudo aquilo que poderia ser conhecido, no qual o futuro não estaria incluído. Nesta visão, Deus poderia conhecer o futuro a partir de deduções lógicas, considerando o Seu grande poder e conhecimento das interações entre todas as coisas. Neste caso, o conceito da soberania de Deus recebe uma interpretação muito particular. A soberania de Deus, neste modelo, é o grande poder de Deus para fazer aquilo que Ele decidiu ser possível de fazer. O conhecimento do futuro estaria fora desta possibilidade. Neste caso, Deus teria limitado o Seu conhecimento.

O autor argumenta sobre a questão: "De que maneira pode Deus fazer cumprir Sua vontade num mundo em que seres finitos são livres para resistir-Lhe? A sua resposta está na habilidade de Deus para antecipar os obstáculos colocados pelas criaturas e então Ele resolveria cada desafio de maneira eficiente. Pinnock crê que Deus age no tempo e vê dificuldades no conceito de que Deus possa agir fora dele, ou seja, atemporal. Neste entendimento é necessária uma revisão do teísmo clássico, ou convencional, onde Deus se interage com o mundo não de forma totalmente independente. Apesar de Pinnock crer que Deus independe do mundo para existir, Ele não seria independente do mundo em todos os sentidos. "Em certo sentido, Deus depende do mundo quanto às informações sobre o que acontece"[1] O conceito de Pinnock sobre a onisciência de Deus é radicalmente diferente. Quanto às profecias Pinnock afirma que alta porcentagem delas pode ser explicada por um dos três fatores: (1) Anúncio antecipado do que Ele pretende fazer; (2) Profecias condicionais; (3) Predições baseadas no exaustivo conhecimento de Deus sobre o passado e o presente.

Não é muito difícil entender porque surgiu tal tipo de pensamento no meio cristão. O arminiano crê que Deus conhece todas as coisas em todos os tempos e a eleição teria sido baseada neste conhecimento. No entanto, ele vai ter que enfrentar um grande problema: Se Deus conhece todas as coisas, elas estariam todas definidas, e não tem atitude humana que vai alterar aquilo que Deus já conhece. Este tipo de pensamento caminha para um fatalismo. Não é difícil concluir a partir daí a inexistência do livre arbítrio. O próprio Pinnock tentando contradizer esta possibilidade afirma: "Concordo com os calvinistas tradicionais em que a onisciência forte pressupõe uma predestinação forte."[1] Na verdade, todos os artigos expostos na referência [1] são tentativas de conciliar, de forma lógica e compreensível, a soberania de Deus e o livre arbítrio. Para Pinnock, isto só pode ser feito se Deus não conhecer o futuro. Na próxima lição vamos estudar com mais detalhes o pensamento calvinista reformado sobre este tema.

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

Nesta lição foram apresentadas quatro perspectivas sobre a soberania de Deus e a responsabilidade humana. Todas estas perspectivas são tentativas de um entendimento lógico, dedutível e compreensível destas duas verdades apresentadas na Bíblia.

John Feinberg é o único que faz uma apresentação que ele próprio considera como moderadamente calvinista. Ele crê no determinismo, ou seja, a tese filosófica geral que declara que para tudo quanto vem a acontecer, há condições tais que, estando presentes, nenhum outro fato poderia acontecer. Feinberg apresenta o conceito de causas não constrangedoras, as quais são suficientes para promover uma ação; contudo, não forçam a pessoa a agir contra sua vontade, ou contra seus desejos, chamado também de determinismo suave ou compatibilismo. Deus estaria agindo dentro deste conceito.

Norman Geisler não se considera arminiano e sim um calvinista moderado. Mas pela sua posição, ele se parece muito mais com um arminiano que calvinista. Inclusive, em outras literaturas, ele não crê nos cinco pontos do calvinismo. A sua defesa está ligada a um Deus que se abstrai do tempo, um Ser simples que consegue, com Seu poder, determinar todas as coisas e mesmo assim conceder o livre arbítrio. Ele apresenta o conceito de autodeterminismo moral.

Bruce Reichenbach está mais próximo de um arminiano. Deus limita o seu poder para conceder o livre arbítrio, e usa a persuasão, na maioria das vezes, para concretizar Suas intensões. Os fins últimos de Deus serão atingidos pela Sua providência. Resumidamente: "Deus é soberano em autoridade e poder. Entretanto, Ele resolveu, por Si mesmo, limitar Seu poder e criar-nos dotados de livre-arbítrio, para que pudéssemos escolher entre o bem e o mal, entre Deus e nós mesmos.

Clark Pinnock não se enquadra nem como calvinista e nem como arminiano. Ele propõe um novo entendimento do teísmo clássico, no qual Deus não tem conhecimento efetivo do futuro. Deus conheceria tudo aquilo que poderia ser conhecido, e o futuro não estaria incluído. Esta seria a única saída que ele encontra para compatibilizar soberania de Deus e livre arbítrio humano. A grande dificuldade de Pinnock é que ele afirma que Deus limita o Seu conhecimento, mas não encontramos isto na Bíblia. Na visão de Pinnock Deus é por demais humano.

REFERÊNCIAS:

[1] FEINBERG, John, et.al. **Predestinação e livre-arbítrio: quatro perspectivas sobre a soberania divina e a liberdade humana.** São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2000.

[2] PINK, A. W. **Deus é soberano.** São José dos Campos-SP: Fiel, 2002.

ELEIÇÃO, LIVRE ARBÍTRIO E EVANGELISMO

Dependência de Deus ou Apelo à Vontade Humana

Lição 3 – Soberania Divina e Responsabilidade Humana Parte 2 – Visão Reformada

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Guilherme Ledes

BASE BÍBLICA CENTRAL: Is 46.11; Rm 2.1-3

Estes são apenas dois exemplos dos inúmeros textos bíblicos que tratam da soberania de Deus, de forma suprema e absoluta, e da responsabilidade humana por seus atos e pecados, não amenizando ou contemporizando em funções de situações circunstanciais.

IDEIA CENTRAL

A soberania de Deus e a responsabilidade humana são encontradas na Bíblia inúmeras vezes, e em alguns casos dentro de um mesmo versículo. Não devemos confrontar estas duas verdades, nem jogá-las uma contra a outra, mas aceitá-las como a Bíblia nos apresenta. Elas podem, a princípio, nos parecer contraditórias em nossa finita filosofia, mas chegará o dia em que todas estas coisas serão esclarecidas.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: Qual o pensamento predominante no meio reformado para enfrentar estas duas verdades bíblicas: Soberania de Deus e Responsabilidade humana.
- Ser: Um crente que aceita estas duas verdades bíblicas sem conflitos.
- Agir: Glorificar a Deus pelo que Ele é, e assumir um compromisso de vida em santidade e proclamação do evangelho crendo no seu poder eficaz de transformação.

INTRODUÇÃO

Este tema tem sido um desafio para a igreja em toda a sua história, diferentemente do que é apresentado na Bíblia que mostra estas duas grandes verdades sem conflito. Na lição anterior foram apresentadas quatro alternativas para conciliar a soberania de Deus e o livre arbítrio, no entanto, em todas elas encontramos dificuldades irreconciliáveis. Normalmente, a busca para explicar racionalmente e conciliar estas duas verdades leva a conflitos de lógicas ou minimização de algum dos dois lados. Nesta lição vamos apresentar uma visão que, apesar de não ser unanime entre os reformados, é majoritária e defendida por grandes teólogos na história e na atualidade.

DEFINIÇÕES

Livre agência: O homem é um agente livre. Ele não é coagido a agir fora da sua vontade. Ele tem capacidade de autodeterminação racional. Ele continua com suas capacidades naturais para a tomada de decisão. O homem faz sempre aquilo que lhe agrada, que lhe parece melhor, à luz dos fatos e sentimentos envolvidos. Ele é livre para fazer o que lhe aprouver, mas não, necessariamente, faz aquilo que moralmente deveria fazer. De fato, a Bíblia nos ensina que nós estamos "mortos em nossos delitos e pecados" e não temos nenhuma capacidade, em nós mesmos, de fazer alguma coisa para alterar esta situação. Após a queda, houve uma ruptura entre Deus e o homem, uma separação intransponível pela capacidade do homem. O morto não tem como agir em seu benefício. Em João 6.44 "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer". Ef 2.1-3; Rm 3.9-12.

Antinomia: "Uma contradição entre conclusões que parecem igualmente lógicas, razoáveis ou necessárias". São duas verdades que sobrevivem por si mesmas, mas que, aparentemente se contradizem – uma contradição aparente. São dois princípios irreconciliáveis, ainda que ambos sejam inegáveis. Soberania de Deus e Responsabilidade humana são apresentadas na Bíblia de forma enfática e sem nenhum conflito. A Bíblia apresenta estas duas verdades lado a lado, em alguns casos até no mesmo versículo (Lc 22.22; At 2.23), e não vemos nenhuma preocupação nela em buscar uma explicação que nos faça entender esta lógica. De fato, isto foge à nossa compreensão, mas não podemos rejeitar nenhuma delas. As duas precisam ser mantidas íntegras e não deveríamos lançar uma contra a outra, pois a Bíblia não faz isto. Alguns usam o termo paradoxo. Uma outra ilustração seria as duas retas paralelas que não se encontram neste mundo finito. A primeira destas retas representa a Soberania de Deus e a segunda reta a Responsabilidade Humana. A matemática moderna prova que as retas paralelas se encontram no infinito.

ATITUDES DOS CRENTES EM RELAÇÃO A ESTE ENSINO

Como vimos na lição anterior, muitos estudiosos não aceitam esta antinomia, e buscam de todas as formas achar uma explicação plausível que nos conforte. É até possível e aceitável este exercício, desde que, nesta empreitada, não se diminua o vigor do ensino que a Bíblia dá a cada uma destas verdades. "É preciso cuidado de não fazê-las disputarem entre si, nem tirar quaisquer conclusões, a partir de qualquer uma delas, que confrontem diretamente um princípio ao outro. Usar cada uma dentro dos limites do seu próprio campo de referência. Notar quais são as conexões existentes entre as duas verdades e as respectivas estruturas de referência, e aprender a pensar sobre a realidade de uma maneira que garanta uma coexistência pacífica."[1] Esta antinomia pode ser colocada também como o que Ele faz como Rei e como Juiz. Então, o que fazer com uma antinomia?

1) **Aceitá-la como ela é:**
   As grandes disputas entre teólogos nesta área é que eles não aceitam esta antinomia e querem por todos os modos arrumarem uma explicação. Toda a discussão vai girar em torno de argumentos lógicos à busca de conclusões compreensíveis. No entanto, seja para que lado forem, sempre vão se deparar com pontos contraditórios, insolúveis ou antibíblicos. Aceitar a antinomia como a Bíblia nos apresenta, de forma humilde e submissa é o melhor procedimento do cristão.
2) **Aprender a conviver com ela:**
   Extrair o máximo do ensino de cada uma das verdades, sem fazê-las disputar entre si, sem jogar uma contra a outra, mas aprender a pensar sobre a realidade de uma maneira que garanta uma coexistência pacífica.

OS DOIS PERIGOS

Quase sempre nós tentamos eliminar as antinomias através de nossos raciocínios deficientes, através de meios ilegítimos, suprimindo ou rejeitando uma verdade, supostamente em favor da outra. Devemos, portanto, evitar os dois extremos:

1) **Preocupação exclusiva com a responsabilidade humana:**
   De fato, a responsabilidade humana é de extrema importância e a Bíblia imputa a cada um de nós a responsabilidade por sermos obedientes, de cumprirmos a vontade do Senhor. A Bíblia deixa muito claro que cada um vai responder diante de Deus por todos os seus atos e a rejeição de Cristo é uma atitude com um dano capital e eterno. A nossa pregação não pode minimizar em nada esta grande verdade. Nós também recebemos a responsabilidade de pregar as boas novas como bons despenseiros pois este é o instrumento que Deus usa para buscar os eleitos. Mas é muito importante ter a ciência clara de que o poder não está no instrumento. Este erro pode ocorrer quando a nossa visão está excessivamente ligada à responsabilidade humana e pouco na soberania de Deus. Muitas técnicas modernas de crescimento de igrejas, estratagemas na pregação do evangelho são frutos da minimização da visão clara da soberania de Deus.
   Estamos certos em preocuparmo-nos em pregar o evangelho da forma mais clara possível, usar métodos que facilitam neste empreendimento. O que não está certo é assumir mais do que Deus nos concedeu fazer. Somente Deus pode transformar o coração. A visão da soberania de Deus nos protege contra estes excessos.
2) **Preocupação exclusiva com a soberania divina:**
   A descoberta e compreensão clara da soberania de Deus são coisas preciosas para muitos cristãos. Não são poucos aqueles que veem este novo mundo se abrir e esta visão dá um sentido completamente novo e empolgante de viver. Deus passa a ser o

centro de seus pensamentos e preocupações. Eles passam a sentir a vigorosa força da famosa primeira resposta do Breve Catecismo de Westminster: “O fim principal do homem é glorificar a Deus e alegrar-se Nele para sempre”. Precisamos sim confiar totalmente em Deus pois Ele é o autor e consumador da nossa fé. Porque Deus, por meio Dele e para Ele são todas as coisas.

Mas estes também não podem perder de vista a responsabilidade humana, como apresentada na Bíblia. O risco aqui é se enveredar para o Hipercalvinismo que se inclina perigosamente para o lado de reduzir a responsabilidade humana.

A atitude do crente esclarecido é confiança absoluta na soberania de Deus, se alegrar nisto, e pregar o evangelho com o máximo empenho e fervor para levar pecadores ao arrependimento. Certa vez perguntaram a Spurgeon se ele seria capaz de reconciliar essas duas verdades, ele respondeu: “Eu nem ousaria tentá-lo”, “Eu nunca reconcilio amigos”. “Na Bíblia, não há nenhuma inimizade entre a soberania divina e a responsabilidade humana. Ela não são vizinhas briguentas.”[1]

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

O ensino reformado é frequentemente acusado de defender uma teologia que coloca o homem como um autômato, teleguiado e que é constrangido a agir contra a sua vontade para que o propósito de Deus seja executado completamente. Esta é uma injustiça, uma desonestidade nas argumentações e também uma completa ignorância do que de fato defende o ensino reformado.

O ensino reformado defende a soberania de Deus no seu limite extremo, tributando a Deus o poder, capacidade e conhecimento infinitos, agindo como Rei eterno e soberano que governa cada evento em suas minúcias, conforme o governo da Sua vontade. O ensino reformado defende igualmente a responsabilidade humana indicando que ninguém pode acusar a Deus por seu pecado e rebeldia, sendo um pecador culpado que deve responder diante de Deus por ter quebrado Sua lei, e sofrerá as consequências de todas as decisões que tomar, diante do Juiz eterno. Esta é a antinomia tantas vezes apresentada na Bíblia.

Diversos teólogos e filósofos se debruçam sobre o tema da compatibilidade entre estes dois temas apresentados na Bíblia. Em cada um deles se encontram incongruências, incompatibilidades e contradições. Nós, seres humanos, somos incapazes de conciliar estas duas verdades completamente. Portanto, a aceitação desta antinomia é a postura que nos deixa mais confortáveis, em paz e nos induz a agir corretamente frente a cada uma delas.

REFERÊNCIAS:

[1] PACKER, J. I. **Evangelização e a Soberania de Deus**: **Se Deus é Soberano na Salvação, por que Evangelizar?** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017.

ELEIÇÃO, LIVRE ARBÍTRIO E EVANGELISMO

Dependência de Deus ou Apelo à Vontade Humana

Lição 4 – O Livre-Arbítrio ou Arbítrio-Escravo?

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Guilherme Ledes

BASE BÍBLICA CENTRAL: Rm 3.9-12

A Bíblia nos apresenta esta visão inequívoca de rebeldia de todos os homens e sua incapacidade de obedecer a Deus, impelido pelo desejo natural de praticar o pecado. Esta é uma expressão de sua depravação e rebeldia. Somente em Cristo poderemos receber verdadeira liberdade.

IDEIA CENTRAL

Adão e Eva possuíam livre arbítrio, antes da queda. Podiam praticar o bem ou o mal. Após a queda, o homem se tornou escravo do pecado, morto em seus delitos e pecados, controlado por suas próprias paixões e desejos, não podendo abandoná-los a fim de praticar o bem. A sua vontade sempre o inclina para aquilo que lhe é próprio, ou seja, afastar-se de Deus.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: O que significa biblicamente o livre arbítrio.
- Ser: Um crente que confia unicamente na obra do Senhor para a sua salvação.
- Agir: Orar e labutar, ou seja, confiar no Senhor que tudo faz, mas trabalhar incansavelmente, pois este é o meio que Deus usa para fazer a Sua vontade.

INTRODUÇÃO

Até este ponto do curso estudamos a respeito da soberania de Deus e a responsabilidade humana e como conciliar estas duas verdades. Muitas das vezes quando se fala da responsabilidade humana se traduz como livre arbítrio. No entanto, isto ainda não foi totalmente esclarecido nas lições anteriores. Afinal, o que significa livre arbítrio? Possui o homem livre arbítrio? Este é o tema que será estudado nesta lição, à luz do ensino e da prática reformada.

A ESCRAVIDÃO DA VONTADE

Existe um livro de Martinho Lutero publicado inicialmente em 1525 denominado "A Escravidão da Vontade". Este livro foi escrito como uma resposta a Erasmo de Rotterdam em relação à famosa Diatribe sobre o Livre Arbítrio, que Erasmo publicou em 1524. Existe uma versão condensada e adaptada da Editora FIEL, "Nascido Escravo"[3].

Erasmo e Martinho Lutero eram contemporâneos e dois gigantes intelectuais europeus e que ofereceram grande contribuição à disseminação do texto bíblico em sua época. Ambos escreveram sobre o "Livre Arbítrio", mas com posições completamente opostas.

"Foi com a compreensão do puro evangelho que se abriu para Lutero a noção do cativeiro radical da vontade. Sem nenhuma dúvida, na doutrina da depravação do homem situa-se a pedra angular da Reforma. No coração da teologia de Lutero e da doutrina da justificação está a sua compreensão da depravação original e da pecaminosidade do homem."[3]

Para Lutero, a livre vontade é um termo divino, e não cabe a ninguém, a não ser unicamente à majestade divina. A questão central do livro está nas perguntas: "Possui o homem algo chamado 'Livre Arbítrio?" "Pode um ser humano, voluntariamente e sem qualquer ajuda, voltar-se para Cristo a fim de ser salvo de seus pecados?" A resposta de Erasmo era "Sim" e de Lutero era um resoluto "Não". O homem já nasce escravo do pecado. O homem não é livre.

O livro é desenvolvido através de vários argumentos, 57 no total, de forma exaustiva, apresentando tanto o que ensina as escrituras, o ensino de Erasmo e o que Lutero pensava sobre as ideias de Erasmo. Alguns argumentos e textos bíblicos mostrando que o "Livre Arbítrio" é falso são apresentados a seguir:

- A culpa universal da humanidade. Rm 1.18,21; 2.23, 28, 29.
- O domínio universal do pecado. Rm 3.9-12,19;
- A doutrina da salvação pela fé em Cristo. Rm 3.21-25; 11.6
- A fonte da graça mediante a qual somos salvos é o próprio Deus. Jo 1.12-13
- O homem é incapaz de crer no evangelho. Jo 6.44,45
- O poder da carne, mesmo em verdadeiros crentes. Rm 5; 8.7; Gl 5
- O homem é como um escravo, cuja única liberdade consiste em obedecer a seu senhor. Os seres humanos só agem de acordo com as determinações de Deus.
- Grande parte das argumentações iniciais de Lutero está relacionada à incapacidade das obras da carne em obedecer à lei, e ele relaciona o "Livre Arbítrio" como parte destas obras da carne. Ou seja, o "Livre Arbítrio" seria a capacidade em decidir entre fazer o bem ou o mal. Os diversos textos mostram que nós estávamos mortos

em nossos delitos e pecados. Neste caso, incapazes até mesmo desta decisão de aceitar a vida eterna em Cristo. A vontade humana não tem capacidade, por si mesma, de escolher entre céu e inferno. A fé é dom de Deus.

- Lutero apresenta um argumento em relação à vontade secreta e vontade revelada de Deus. A sua exposição é muito similar às questões abordadas entre a soberania de Deus e responsabilidade humana e como é impossível para nós conciliarmos estes pontos, os quais devemos aceitar com submissão. Rm 9.19-24.

Quando estudamos o período da Reforma, observamos que os líderes do protestantismo – Lutero, Calvino, Bucer, Beza, Melanchton, John Knox, etc. – concordavam que o homem, por sua própria natureza, é incapaz de fazer qualquer coisa que contribua para sua salvação, e que Deus é absolutamente soberano na Sua graça.

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER – CAPÍTULO 9 – DO LIVRE ARBÍTRIO

A CFW, no seu capítulo 9, é muito clara na abordagem da questão do Livre Arbítrio. Ela apresenta, através de 5 pontos, a questão da vontade do homem de forma geral, e a vontade do homem por meio de quatro estágios diferentes da história redentiva.

> I. Deus dotou a vontade do homem de tal liberdade, que ele nem é forçado para o bem ou para o mal, nem a isso é determinado por qualquer necessidade absoluta da sua natureza. *Ref.* Tiago 1:14; Deut. 30:19; João 5:40; Mat. 17:12; At.7:51; Tiago 4:7.

Esta é a livre agência, através da qual o homem tem vontade livre. Ele é um agente livre. Faz o que determina a sua vontade. Ele não pode ser reduzido a um sistema de causalidade, mesmo que sua vontade tenha influências poderosas sobre ela, ainda tem o poder de auto decisão. Ela não é forçada. Isto se aplica em qualquer estágio da história e em qualquer ponto de nossa vida no tempo ou na eternidade. Deus pode mudar nossa vontade de forma irresistível, por sua graça, nos fazendo ansiar pela salvação. Ainda assim, nós nos voltamos para Ele porque assim escolhemos. Aqui encontramos a antinomia estudada na lição 3.

> II. O homem, em seu estado de inocência, tinha a liberdade e o poder de querer e fazer aquilo que é bom e agradável a Deus, mas mudavelmente, de sorte que pudesse decair dessa liberdade e poder. *Ref.* Ec. 7:29; Gen. 1:26 e 2:16-17 e 3:6.

Adão e Eva foram criados com capacidade de fazer o bem, mas também estavam livres e capazes de fazer o mal. Foi-lhes conferido o poder da escolha, e eles optaram pelo mal.

> III. O homem, caindo em um estado de pecado, perdeu totalmente todo o poder de vontade quanto a qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação, de sorte que um homem natural, inteiramente adverso a esse bem e morto no pecado, é incapaz de, pelo seu pr6prio poder, converter-se ou mesmo preparar-se para isso. *Ref.* Rom. 5:6 e 8:7-8; João 15:5; Rom. 3:9-10, 12, 23; Ef.2:1, 5; Col. 2:13; João 6:44, 65; I Cor. 2:14; Tito 3:3-5.

Após a queda a vontade do homem continua livre, mas esta tem propensão para fazer somente aquilo que lhe é próprio, ou seja, propensão para o mal, impelido pelo desejo natural de praticar o pecado. Isto foi o que Lutero chamou de "A Escravidão da Vontade".

> IV. Quando Deus converte um pecador e o transfere para o estado de graça, ele o liberta da sua natural escravidão ao pecado e, somente pela sua graça, o habilita a querer e fazer com toda a liberdade o que é espiritualmente bom, mas isso de tal modo que, por causa da corrupção, ainda nele existente, o pecador não faz o bem perfeitamente, nem deseja somente o que é bom, mas também o que é mau. *Ref.* Col.1: 13; João 8:34, 36; Fil. 2:13; Rom. 6:18, 22; Gal.5:17; Rom. 7:15, 21-23; I João 1:8,10.

Somente através da obra de Cristo somos verdadeiramente livres. Deus converte um pecador e o transfere para o estado de graça, o liberta de sua natural escravidão ao pecado. Ele muda o nosso caráter e cria em nós essa nova vontade em fazer essas boas obras, transformando-nos em servos de Deus. Mas a natureza de pecado continua viva e por isso nós ainda pecamos. Mas temos advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo.

> V. É no estado de glória que a vontade do homem se torna perfeita e imutavelmente livre para o bem só. *Ref.* Ef. 4:13; Judas 24; I João 3:2.

Somente ali, na eternidade de glória, os eleitos remidos por Cristo terão sua vontade livre "somente para o bem".

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

Não existe ensino que realça com mais vigor a Graça de Deus que o ensino reformado, pois nosso Senhor é o autor e consumador da nossa fé. Não podemos exigir nenhum direito por uma suposta cooperação com a Graça de Deus para nossa salvação, pois estávamos mortos em nossos delitos e pecados.

Somente quando entendemos com profundidade o real significado da depravação total, da pecaminosidade e da culpabilidade humana, das consequências nefastas da queda do homem é que chegamos à conclusão inevitável da incapacidade humana para escolher o bem. Mesmo ele sendo um agente livre, a sua vontade sempre o inclina para o mal.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Quais são as capacidades da vontade humana nos diversos estágios de sua existência, desde o Éden até a glorificação?
2. Qual a diferença entre Livre Agencia e Livre Arbítrio?
3. Qual a ligação entre Depravação Total e Livre Arbítrio Escravo?

REFERÊNCIAS:

[1] DIXHOORN, Chad Van. **Guia de estudos da Confissão de Fé de Westminster.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017.

[2] KENNEDY, D. James. **Verdades que transformam.** São José dos Campos, Editora Fiel, 2005.

[3] LUTERO, Martinho. **Nascido Escravo.** São José dos Campos, Editora Fiel, 2007.

ELEIÇÃO, LIVRE ARBÍTRIO E EVANGELISMO

Dependência de Deus ou Apelo à Vontade Humana

Lição 5 – A Evangelização – Parte 1
Os Perigos de uma Evangelização Descomprometida

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Guilherme Ledes

BASE BÍBLICA CENTRAL: 1 Co 2.1-5

Esta é a pregação genuína do evangelho. O foco da pregação de Paulo e de seu ensino aos incrédulos era Jesus Cristo, o qual pagou na cruz a penalidade pelo pecado. Ele nunca se desviava para artifícios e sabedoria humana, que mais glorificam o homem do que a Deus.

IDEIA CENTRAL

O evangelismo moderno sofreu grande influência do mundo, reduzindo as grandes verdades do evangelho, como convicção de pecados, arrependimento sincero, a graça de Deus em Cristo, a conversão do coração, regeneração e implicações da vida transformada.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: Quais as implicações práticas do ensino reformado em relação ao evangelismo
- Ser: Um crente que confia em Deus de forma absoluta na evangelização.
- Agir: Buscar a glória de Deus, em primeiro lugar, mesmo na evangelização.

INTRODUÇÃO

Chegamos na fase deste curso onde nos concentraremos nos diversos aspectos relacionados à evangelização, no contexto do tema geral que estamos estudando. Nesta primeira parte chegamos às seguintes questões: Quais as influências na evangelização em função das convicções doutrinárias? Quais os ataques lançados contra a prática bíblica de evangelização? Em que sentido o ensino reformado pode preservar a igreja?

O EVANGELISMO MODERNO

As igrejas evangélicas atuais, buscando a sabedoria do mundo e utilizando os seus métodos, centrados no homem, sofrem o mal de desvalorizar a Palavra de Deus. John MacArthur em seu livro “Sociedade sem pecado” afirma: “Afaste a realidade do pecado e você eliminará a possibilidade de arrependimento. Anule a doutrina da corrupção humana e você invalidará o plano da salvação. Apague a noção da culpa pessoal e você eliminará a necessidade de um Salvador. Destrua a consciência humana, e você levantará uma geração imoral e irredimível. A igreja não pode dar as mãos ao mundo nesse empreendimento satânico. Agir assim é destruir o verdadeiro evangelho que fomos chamados a proclamar.”

O pensamento hedonista diz que “Ser Feliz” é a principal motivação humana, e eles tem buscado isto a qualquer custo. A igreja sofre a influência através de um evangelho de entretenimento, a busca de métodos de crescimento a qualquer preço, com abordagens bizarras do evangelho, envolvimento político, ênfase social em detrimento da espiritual, acentuada preocupação com número, busca de resultados imediatos, ênfase publicitária denominacional, promoção pessoal ou “ministerial”.

Rm 12.2 nos diz para não nos conformarmos com este século que nos apresenta o Secularismo onde os cosmos é tudo o que existe; o Humanismo que coloca o homem como centro e diz “você será como Deus”; o Relativismo que leva a um pântano moral; o Materialismo com a supervalorização dos bens materiais; o Pragmatismo que aceita qualquer método desde que funcione; a Desatenção que leva a um ensino raso e superficial com a busca de entretenimento; o pós-Modernismo que tenta destruir com todos os valores absolutos.

Gene E. Veith, no seu livro Tempos Pós-modernos, faz a seguinte observação: “Doutrina não sobrevive bem numa era de relativismo, então, para atrair os novos membros, o conteúdo teológico deve ser minimizado. E o povo não quer ouvir sobre pecado, assim, a igreja deve cultivar uma atmosfera de tolerância moral. Como as pessoas escolhem suas crenças religiosas tendo como base não tanto se são verdadeiras, mas se elas ‘gostam’ de uma igreja em particular, a vida da congregação deve ser feita tão agradável e não exigente quanto possível. A exaltação do princípio do prazer significa que os cultos de adoração precisam ser, acima de tudo, divertidos. A exaltação da vontade significa que deve-se dar aos clientes o que eles querem.”

O evangelismo moderno sofreu grande influência dos movimentos na segunda metade do século XIX. É muito interessante como a diferença no entendimento da questão do livre-arbítrio humano provocou profundas diferenças na metodologia evangelística. Ele se tornou muito mais voltado para o homem, direcionado para a vontade humana, com um culto repleto de atrações, quando os sentimentos são fortemente estimulados, culminando com longos e veementes convites ou apelos para que os ouvintes se decidam publicamente por Cristo. O sucesso numérico é grande, mas o número dos que logo se “desviam” e “abandonam a fé” também é grande. Packer diz que ele “fracassa notavelmente em produzir reverência profunda, arrependimento profundo, humildade profunda, espírito de adoração e preocupação pela situação da igreja”.

O EVANGELISMO BÍBLICO

Começa de dentro para fora: Não adianta buscar os de fora, se o estado da igreja não for satisfatório. A igreja precisa ter vida e saúde espiritual, bom discernimento das verdades bíblicas e as implicações práticas na sua própria vida pessoal.

É espontâneo: Não é apenas uma questão de responsabilidade, ou apenas um dever, mas é um constrangimento natural do Espírito Santo (At 4.20).
Motivação: O evangelismo bíblico tende a minimizar a promoção pessoal e buscar a glória de Deus, motivado por um amor a Deus (2 Co 5.14). "Quanto mais se aprofunda a nossa compreensão da largura, da profundidade, da altura e do comprimento do amor de Cristo, maior é a nossa motivação para fazer conhecida a suprema riqueza da Sua graça em bondade, em Cristo Jesus para conosco. Quando vemos com mais clareza a nossa condição inicial de pecado, a depravação total diante da ira santa e da justiça de Deus, não temos como não valorizar muito mais a nossa libertação em Cristo. Esta é a maior motivação.

A PREGAÇÃO EVANGELÍSTICA CALVINISTA

Em que consiste a pregação calvinista? É possível pregar o evangelho crendo na soberania de Deus, na eleição incondicional? "Atualmente, essas perguntas procedem por causa do padrão contemporâneo de evangelismo. Entretanto, fazer tais perguntas para os reformadores, para os puritanos, para Whitefield, e para os demais calvinistas, seria algo completamente sem sentido. Afinal, calvinista foi a pregação evangelística extremamente eficaz do apóstolo Paulo e de todos os mencionados. Calvinista foi a pregação que reformou a igreja no século XVI, levando Cristo a milhares de corações em trevas. O mesmo é verdadeiro com relação aos puritanos, no século XVII, no grande reavivamento da Inglaterra, no País de Gales, Escócia e Estados Unidos; e com relação ao século XIX, no que diz respeito a Spurgeon, aos movimentos missionários que levaram Cristo a milhares de corações em todos os continentes."[1]

Como o evangelho é anunciado aos descrentes, com base nas antigas doutrinas da graça? Todo o conselho de Deus é anunciado. A responsabilidade humana é anunciada, mas não em detrimento da soberania de Deus. A condição trágica e desesperadora do homem sem Cristo é realçada e o pecador é exortado a se arrepender e crer no Senhor Jesus Cristo. A pregação bíblica procura humilhar o homem e retira dele qualquer esperança de salvação que não se fundamente exclusivamente na graça de Deus, nos méritos de Cristo e na operação soberana do Espirito Santo. A única reação do pecador diante da pregação genuinamente bíblica deve ser a de levá-lo a ir a Cristo, clamando por misericórdia.

A QUESTÃO DO APELO

O conhecido escritor J.I. Packer disse: "É interessante abordar a posição puritana quanto à pregação do evangelho. A posição deste grupo era de que só Deus, mediante o seu Espírito, através de sua Palavra, pode conduzir os pecadores à fé e que Ele faz isso não por determinação nossa, mas de acordo com o seu próprio propósito soberano. Este entendimento subentende que todos os artifícios para exercer pressão psicológica, a fim

de precipitar “decisões”, devem ser evitados, pois, na verdade, são tentativas presunçosas de intrometer-se na providência do Espírito Santo. De fato, a longo prazo, depreciará a pregação do evangelho; pois se as pressões psicológicas, quando habilmente manipuladas, podem produzir uma forma externa de ‘decisão’, elas não podem produzir a regeneração e a mudança de coração. Uma decisão sem compromisso pode ter o efeito contrário, pois após o esfriamento daquele momento e verificação de que não foi uma decisão real, elas podem ter os corações endurecidos para com o evangelho. A consequência da evangelização superficial com táticas forçadas é facilmente percebida nos dias atuais. A falta de comprometimento dos convertidos, o número de pessoas que abandonam as igrejas, o desconhecimento dos neoconvertidos do que isto significa são indicativos da necessidade de um aprofundamento nesta questão. O evangelismo deve ser concebido como uma realização a longo prazo de instrução e ensino paciente deixando que o Espírito Santo atraia os homens à fé, por meio dessa mensagem, à sua própria maneira e no tempo que Lhe parecer oportuno.” Deve-se salientar, entretanto, a necessidade de exortar o pecador a um encontro pessoal com Cristo e a urgência desta decisão, como a Bíblia faz.

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

As implicações práticas no evangelismo, em função da visão bíblica da soberania de Deus, são a de aprofundar nossa admiração pelo caráter divino, exaltar a graça de Deus, desejar conhecer a Sua Palavra, alicerçar-se de toda a verdadeira religião, repudiar a heresia da salvação pelas obras, levar a criatura a humilhar-se profundamente, conferir um senso de absoluta segurança, oferecer consolação na tristeza, produzir um espírito de terna resignação, evocar um cântico de louvor, conferir uma segurança do triunfo final do bem sobre o mal oferecendo um lugar de descanso para o coração, impulsionar-nos à santidade e aumentar o nosso fervor evangelístico.

O evangelismo bíblico não se limita à salvação de pecadores, mas tem principalmente em vista o louvor da glória de Deus; um evangelismo que não é humanista, que não admite sequer cogitar em dar a mínima parcela da glória da redenção ao homem. “Porque Dele, e por meio Dele, e para Ele são todas as coisas. A Ele, pois a glória eternamente. Amém.”

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Quais as razões que levaram ao estilo de evangelismo e culto na igreja atual?
2. Quais argumentos a favor e contra os apelos como utilizados no evangelismo atual?

REFERÊNCIAS:

[1] BOICE, James Montgomery. **O evangelho da graça: a aventura de restaurar a vitalidade da igreja com as doutrinas bíblicas que abalaram o mundo**. Cambuci-SP: Editora Cultura Cristã, 2003.

[2] Anglada, Paulo. **Calvinismo.** Ananindeua, PA, Ed Knox Publicações, 2017.

ELEIÇÃO, LIVRE ARBÍTRIO E EVANGELISMO

Dependência de Deus ou Apelo à Vontade Humana

Lição 6 – A Evangelização – Parte 2
Apresentação Genuína do Evangelho de Cristo

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Guilherme Ledes

BASE BÍBLICA CENTRAL: 1 Co 9.19-24

O esforço, zelo e desprendimento do apóstolo Paulo serve para nossa inspiração e ensino quanto à importante tarefa que todos nós temos de evangelizar este mundo perdido.

IDEIA CENTRAL

A evangelização é o mandamento do Senhor para toda a Sua igreja. A Bíblia nos instrui através do ensino e exemplos que evangelização significa apresentar Jesus Cristo em pessoa, o Salvador que vive e reina; que o conteúdo do evangelho é apresentar Deus, o pecado, Jesus Cristo, conversão pela graça, através de arrependimento e fé; a motivação é a glória de Deus e o amor ao próximo e os métodos são explicar e aplicar o evangelho.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: Conhecer sobre as quatro questões referentes à responsabilidade do cristão quanto à evangelização.
- Ser: Um crente bem esclarecido e comprometido quanto à tarefa de evangelizar.
- Agir: Levar o evangelho a toda a criatura, a tempo e fora de tempo.

INTRODUÇÃO

Esta lição aborda um ponto central deste curso. Independentemente das convicções doutrinárias relacionadas à soberania de Deus, é responsabilidade de todo crente pregar o evangelho e testemunhar da Sua Palavra. Para isto é importante conhecermos as instruções bíblicas deste trabalho e como alguns equívocos têm sido utilizados na atualidade. Para tanto, abordaremos as quatro questões quanto à evangelização.

O QUE É EVANGELIZAÇÃO

Nós temos o hábito de pensar em evangelização não tanto pela mensagem anunciada, mas o efeito que esta teve sobre os ouvintes. Muitas vezes confundimos evangelização com o modo como fazemos, em vez de sobre o que falamos. Evangelizar significa declarar uma

mensagem específica; significa apresentar a Jesus Cristo em pessoa, o **Salvador** que vive e o **Senhor** que reina. Evangelização significa emitir uma convocação, uma exortação para que haja arrependimento e conversão, uma transformação de vida, uma entrega absoluta àquele que unicamente pode salvar.

Precisamos ter o cuidado de não definir evangelização em termos dos resultados obtidos. Evangelizar significa simplesmente pregar o evangelho, as boas novas, onde nós somos os porta-vozes. As declarações do apóstolo Paulo sobre o seu próprio ministério são esclarecedoras. Paulo evangelizava como um representante comissionado pelo Senhor Jesus, um despenseiro, um embaixador, um arauto que deve entregar a mensagem com diligente e cuidadosa fidelidade, sem lhe acrescentar nada, nem alterar nada e sem omitir absolutamente nada (1 Co 1.22-25). Sua primeira tarefa na evangelização era ensinar a verdade sobre o Senhor Jesus Cristo. Não significa apresentar um tratado teológico profundo, mas a mensagem precisa ser aprendida antes de ser vivida e aplicada (Cl 1.28-29). O objetivo de Paulo na evangelização era converter os seus ouvintes à fé em Cristo, e neste sentido inclui o esforço por induzir uma resposta à verdade ensinada. Aqui cabe distinguir o apelo manipulado e emocional com a necessária exortação à conversão. Paulo também apresentava a mensagem e desejava a transformação dos seus ouvintes movido por um profundo amor sacrificial (1 Ts 2.1-12).

O CONTEÚDO DA MENSAGEM EVANGELÍSTICA

Em suma, "é o evangelho de Cristo, e do Cristo crucificado; a mensagem do pecado do homem e da graça de Deus; da culpa humana e do perdão divino, do novo nascimento e da nova vida por meio do dom do Espírito Santo."[1] Existem quatro partes principais:

1. Uma mensagem sobre Deus. Ele é o criador de todas as coisas. É preciso conhecer o Seu caráter, o padrão divino e o que Ele requer de nós. O Deus de amor e misericórdia também é o Deus de justiça e santidade. Precisamos ter uma visão de Deus, de Sua grandiosidade. Somente depois de termos esta visão clara de Deus, estaremos em condições de reconhecer o pecado que habita em nós e as consequências nefastas dele.

2. O Evangelho é uma mensagem sobre o pecado. É preciso mostrar como não atingimos o padrão de Deus, que, na verdade, é muito elevado para nós, diante da santidade de Deus. Estamos mortos em nossos delitos e pecados, separados, irremediavelmente perdidos. Não há um justo, nenhum sequer. A consequência do pecado é a morte eterna. Precisamos ter o cuidado de não reduzir a nossa grave ofensa contra Deus, confundindo com dificuldades de comportamentos, ou o não termos atingido padrões que estabelecemos para nós mesmos, consciência pesada e sentimento de infelicidade naturais com a convicção espiritual do pecado. Existem alguns que podem até estar satisfeitos consigo

mesmos e nesta condição pensarem que estão bem com Deus. O pecado não é um conceito social; trata-se de um conceito teológico.

3. O evangelho é uma mensagem acerca de Cristo, o Filho de Deus encarnado. Devemos ter o cuidado de não apresentar a pessoa de Cristo separada da sua obra salvadora. A figura histórica de Jesus não fará sentido para alguém enquanto não souber sobre a encarnação, expiação, sua ação salvadora de expiar os pecados, ressurreição, ascensão e das regiões celestiais. Outro ponto que pode passar despercebido: Não se deve apresentar a obra salvadora de Cristo de maneira separada da Sua pessoa. Algumas vezes podemos focar na obra de Cristo no passado, dissociada da Sua pessoa no presente. O objeto da fé que salva não é a expiação, mas o Senhor Jesus que realizou a obra de expiação.

4. O evangelho é um apelo à fé e ao arrependimento. Aqueles que ouvem o evangelho são chamados por Deus para se arrependerem e crerem (At 17.30). Estes são mandamentos de Deus que assegura salvação a todos quantos os obedecem. Arrependimento não é remorso. Significa reconhecimento de pecados e mudança de vida. A fé significa a infalível confiança em Deus. Na verdadeira fé devem estar presentes, de acordo com Spurgeon: (a) conhecimento; (b) convicção; (c) confiança. De acordo com Lloyd Jones: (a) consciência; (b) aceitação; (c) compromisso. Ou seja, (a) conhecer a obra de Jesus, tê-Lo como (b) Salvador e (c) Senhor. Esta apresentação clara pode levar a resultados numéricos muito menores, mas, certamente, muito mais eficazes. Jesus exigia assim: Lc 9.23; Lc 14.26,33.

MOTIVAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO

Na lição anterior apresentamos a maior motivação para a evangelização. Mas tem mais: Além do amor a Deus e a preocupação com a sua glória, a segunda é o amor ao homem e a preocupação com o seu bem-estar. O primeiro retrata o grande princípio da Bíblia: “fazei tudo para a glória de Deus”. O primeiro e maior mandamento é: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma”. A resposta à primeira pergunta do Breve Catecismo: O fim principal do homem é glorificar a Deus e alegra-se Nele para sempre. Quando mais uma alma é resgatada, o nome do Senhor é engrandecido. “Sempre que as obras poderosas da graça de Deus se tornam conhecidas, Ele é glorificado.”[1]

O segundo motivo também é fortemente enfatizado na Bíblia. Na resposta de Jesus sobre o maior mandamento Ele diz: “... e ao tem próximo como a ti mesmo.” Este desejo deveria ser natural e espontâneo, uma vez que o amor de Cristo nos constrange; uma vez que fomos libertos das garras do diabo e resgatados para o “reino do Filho do Seu amor”; uma vez que conhecemos as consequências do pecado e o destino de todos aqueles que rejeitam a Cristo. A motivação deve existir por um interesse genuíno de amor. Muitas vezes falta-nos a visão clara de todas estas verdades. Esta é a única explicativa para tanta

indiferença e despreocupação quanto à nossa responsabilidade de proclamar as boas novas. Devemos orar muito sobre isto e aprender com Deus a aproveitar as oportunidades.

MEIOS E MÉTODOS NA EVANGELIZAÇÃO

Considerando o contexto moderno de evangelização e as experiências consagradas em diversos movimentos, a resposta à pergunta de quais meios e métodos na evangelização pode ser, para muitos, surpreendente e inesperada. Qual o princípio chave e bíblico para esta pergunta? Em última análise, há somente um **meio** de evangelização: que é o evangelho de Cristo explicado e aplicado (Rm 15.18). Existe um só **agente** da evangelização: é o Senhor Jesus Cristo. Há um só **método** de evangelização: o de explicação e aplicação fiel da mensagem do evangelho. Explicação significa uma exposição fiel e clara das verdades de Deus conforme apresentada na Sua Palavra (Rm 10.17), capacitada por Jesus Cristo, por meio do Seu Espírito Santo, que abre o entendimento e o coração dos seres humanos para receberem o evangelho. Aplicação significa que compreendendo profundamente a nossa condição de criaturas pecaminosas, encararmos o custo e as consequências da conversão, negando-nos a nós mesmos e ter a Jesus como Senhor.

Partindo-se deste princípio chave pode-se levantar diversos questionamentos em relação ao tipo de reunião evangelística que foi a marca registrada da vida dos evangélicos a mais de um século. A crítica se resume em que se cria um ambiente, métodos e artifícios centralizados no ser humano. Desta forma, apela-se para o visual, o espetáculo, as comoções psicológicas e emocionais, o entretenimento. O risco é a minimização da apresentação das grandes verdades do evangelho. Uma “conversão” sem compromisso e transformação.

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

Recebemos de Jesus o grande mandamento, a grande comissão de levar a Sua Palavra até os confins da terra. Precisamos nos envolver nesta tarefa como prioridade da nossa vida, manifestando a nossa obediência ao Senhor, glorificando o Seu nome e demonstrando o amor de Cristo que nos constrange a agir e amar o nosso próximo. A evangelização precisa ser feita sob iluminação de Deus e de forma biblicamente respaldada.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Considerando as críticas citadas no item métodos o que você sugere como solução?
2. O que caracteriza um culto ser evangelístico ou não?

REFERÊNCIAS:

[1] PACKER, J. I. **Evangelização e a Soberania de Deus**: **Se Deus é Soberano na Salvação, por que Evangelizar?** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017.

ELEIÇÃO, LIVRE ARBÍTRIO E EVANGELISMO

Dependência de Deus ou Apelo à Vontade Humana

Lição 7 – Soberania Divina e Evangelização – Parte 1
O Chamado do Evangelho

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Guilherme Ledes

BASE BÍBLICA CENTRAL: 2 Co 5.18-21

Este texto mostra que Deus é a fonte de todas as coisas, que tudo provém Dele, até mesmo a nossa salvação. No entanto, Ele nos deu o ministério da reconciliação e nos confiou esta palavra de reconciliação. Deus exorta por nosso intermédio; somos embaixadores de Cristo. Esta é a maior tarefa que Deus nos colocou e devemos cumpri-la.

IDEIA CENTRAL

A soberania de Deus, compreendida na sua plenitude, é uma verdade inalterável, mas ela não compromete o preceito de Deus da nossa responsabilidade, senso de urgência, sinceridade na apresentação e convite do evangelho e na verdade das promessas – o Chamado do Evangelho.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: Preservar, no entendimento e atitudes, as duas verdades relacionadas à soberania de Deus e responsabilidade evangelística
- Ser: Um crente que tenha uma postura submissa às grandes verdades de Deus.
- Agir: Pregar o evangelho com o maior vigor possível, confiando que Deus é o autor e consumador da nossa fé.

INTRODUÇÃO

Chegamos a esta lição cujo tema reflete o objetivo central de todo este curso. Reconhecemos a importante tarefa que Deus nos deu de evangelizar. Mas como fazer isto tendo como pano de fundo o conhecimento de que Deus é soberano sobre todas as coisas e que tem os seus eleitos desde antes da fundação do mundo? Alguma coisa já foi abordada nas lições iniciais em relação a esta antinomia. Nesta lição vamos detalhar os aspectos relacionados estritamente à evangelização, focando no Chamado do Evangelho, que pode ser entendido como o convite do evangelho que precisa ser feito a todas as pessoas. Esta é a Grande Comissão nos dada diretamente por Jesus.

DEUS É SENHOR E LEGILADOR, REI E JUIZ

O Deus da Bíblia nos é apresentado tanto como Senhor quanto Legislador, tanto como Rei quanto Juiz. Como Senhor e Rei ressalta a Sua soberania. Como Legislador e Juiz é ressaltada a responsabilidade humana. Paulo apresenta estas duas visões dentro da mesma carta aos Efésios. Como Legislador veja Ef 5.17 e 6.6. Veja também 1 Ts 4.3. Como Senhor soberano veja Ef 1.5, 9, 11. Isto se refere à vontade de Deus, que pode ser distinguida, na Bíblia, como **preceito** e como **propósito**. A primeira é aquilo que o homem deve fazer; a segunda é Sua decisão quanto ao que Ele mesmo fará, também conhecida como vontade secreta de Deus. A primeira diz ao homem o que ele deve ser; a segunda estabelece o que ele há de ser. Nesta questão existem alguns extremos: Os hipercalvinistas creem plenamente na soberania de Deus, mas minimizam o ensino bíblico da responsabilidade humana, o que afeta fortemente como proceder e crer no que deve ser feito e dito na evangelização. Os arminianos temem que esse novo interesse em voltar a crer inteiramente na soberania de Deus, como os calvinistas, significará a morte da evangelização. Como pensam e agem os verdadeiros calvinistas?

A SOBERANIA DE DEUS NÃO COMPROMETE A NATUREZA E O DEVER DA EVANGELIZAÇÃO

O nosso dever e responsabilidade encontram-se na vontade de Deus revelada como preceito e não na vontade oculta. Moisés estabeleceu este princípio (Dt 29.29).

A soberania de Deus não diminui a *necessidade* de evangelização. Nenhum ser humano pode ser salvo sem o evangelho. Este é o caminho de Deus (Rm 10.12-14). A salvação depende da fé, e a fé depende de conhecer o evangelho. A evangelização é necessária.

A soberania de Deus não diminui a *urgência* de evangelização. (2 Co 6.2) Aqueles que não têm Cristo estão perdidos e caminham direto para a perdição eterna (Hb 3.7-8).

A soberania de Deus não afeta a sinceridade dos convites a Cristo e a verdade das promessas do evangelho. O chamado do evangelho é seriamente bem-intencionado. A Bíblia é repleta desta verdade: Rm 10.13; Is 55.1, 6-7; At 17.30; Ap 22.17; Mt 11.28-30; Jo 3.16; 1 Tm 1.15). Nós podemos não entender os mistérios de Deus, mas podemos confiar no que Ele fala como verdade. "É verdade que Deus elegeu aqueles a quem Ele salvará, desde toda a eternidade. É verdade que Cristo veio especificamente para salvar aqueles que o Pai lhe deu. Mas não é menos verdade que Cristo oferece a Si mesmo livremente a todos os homens como o seu Salvador, e garante levar para a glória todos aqueles que confiam Nele como tal. Veja de que maneira maravilhosa Ele mesmo, deliberadamente,

coloca esses dois pensamentos, lado a lado, em Jo 6.35-40”[1]. Veja o comentário de Calvino em relação aos textos: Ez 18.23,32 e Ez 33.11:

> Afirmamos que Deus não quer a morte do pecador, uma vez que Ele chama todos igualmente ao arrependimento e promete a Si mesmo estar preparado para recebê-los se eles seriamente se arrependerem. Se alguém objetasse – então não há eleição de Deus pela qual Ele predestinou um número fixo para a salvação – a resposta estaria à mão: o Profeta não fala aqui do conselho secreto de Deus, mas só chama do desespero a homens miseráveis, para que eles apreendam a esperança do perdão, e se arrependam e abracem a salvação oferecida.[3]

Veja um trecho dos Cânones de Dort sobre a oferta bem-intencionada do Evangelho:

> Todos os que são chamados pelo evangelho são seriamente chamados (*serio vocantur*). Séria e genuinamente (*serio et verissime*) Deus faz conhecido na sua Palavra aquilo que o agrada: que aqueles que são chamados se acheguem a ele. Seriamente (*serio*) promete também descanso para a alma e vida eterna a todos que venha a ele e creiam. [3]

SPURGEON VERSUS O HIPERCALVINISMO

Spurgeon é conhecido como um dos maiores pastores batistas da história. Ele é conhecido como o príncipe dos pregadores. Ele foi um defensor contumaz do calvinismo. Viveu alguns conflitos particulares contra os hipercalvinistas em relação à evangelização. A referência [2] apresenta o contexto desta batalha e os argumentos de Spurgeon.

Spurgeon apresenta o quádruplo apelo às Escrituras em defesa da evangelização:

1) Os convites do evangelho são universais: O ponto aqui é que, para Spurgeon, os hipercalvinistas têm dificuldades como, o quê e a quem falar em relação ao evangelho. “Para os hipercalvinistas a pregação do evangelho é uma declaração dos fatos do evangelho, mas não se deve dizer nada que anime os indivíduos a acreditarem que as promessas de Cristo são feitas a eles particularmente, até que haja evidência de que o Espírito de Deus começou a realizar uma obra no coração deles, convencendo-os (do pecado) e tornando-os ‘sensíveis’ quanto à sua necessidade.”[2]

2) Garantia da Fé: Os hipercalvinistas teriam dificuldade de fazer esta apresentação, a menos que vissem evidências internas que garantiriam esta promessa. Spurgeon defende que os pregadores devem proclamar esta promessa a todos indiscriminadamente.

3) Responsabilidade Humana: O homem é um agente livre, responsável, mas incapaz de obedecer. Neste caso, ele não teria o livre-arbítrio, como entendido pelos arminianos.

4) A questão do Hipercalvinismo e o Amor de Deus: Este ensino tende a dificultar o entendimento e a manifestação do amor que devemos ter para o nosso próximo.

A CRENÇA DE QUE DEUS É SOBERANO EM GRAÇA NÃO ELIMINA A RESPONSABILIDADE HUMANA

"Não importa o que possamos crer sobre a eleição, continua valendo o fato de que um homem que rejeita a Cristo torna-se, por isso, a causa da sua própria condenação"[1] (Jo 3.19; 5.40). "A Bíblia jamais fala que os pecadores não obtêm o céu porque não são eleitos, mas porque 'rejeitaram a grande salvação', e porque não querem se arrepender e crer."[1] Em pelo menos duas passagens, esses dois aspectos da verdade bíblica se encontram: Lc 22.22; At 2.23. Calvino, como tantos outros reformadores, aceitava essas duas verdades, para nós paradoxais e logicamente incompatíveis na nossa mente finita. Veja o texto:

> "Calvino, pois, estava plenamente convencido de que havia um alto grau de clareza e compreensibilidade nos temas individuas da Bíblia, mas era, também, tão submisso ante o mistério divino, que preferia criar uma teologia que continha muitas inconsistências lógicas, em vez de optar por um todo racionalmente coerente ... Clareza de temas individuais, incompreensibilidade das suas inter-relações – essa é a marca registrada da teologia de Calvino."[3]

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

O calvinismo bem centrado e alicerçado na Bíblia é a resposta mais confiável, biblicamente, para conviver e trabalhar no contexto das duas grandes verdades da soberania de Deus e a pregação do evangelho. Estritamente falando, calvinistas e arminianos não deveriam se envolver no ministério da evangelização de forma significativamente diferente. O que difere estas duas correntes são as implicações relacionadas a fazer o trabalho de evangelização tendo pano de fundo a soberania de Deus. De fato, o calvinismo apresenta uma proposta de evangelização muito mais robusta para o sucesso na evangelização, como será apresentado na próxima lição.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Como a soberania de Deus afeta o modo como cremos e fazemos evangelização?
2. Qual a diferença entre vontade de Deus como preceito e propósito?
3. Porque tratar da sinceridade dos convites a Cristo e das promessas do evangelho?

REFERÊNCIAS:

[1] PACKER, J. I. **Evangelização e a Soberania de Deus**: **Se Deus é Soberano na Salvação, por que Evangelizar?** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017.

[2] MURRAY, I, W. **Spurgeon versus Hipercalvinismo: A Batalha pela Pregação do Evangelho.** São Paulo: Publicações Evangélicas Selecionadas, 2006.

[3] HOEKEMA, A. **Salvos pela Graça: A Doutrina Bíblica da Salvação.** São Paulo, Ed. Cultura Cristã, 2002.

ELEIÇÃO, LIVRE ARBÍTRIO E EVANGELISMO

Dependência de Deus ou Apelo à Vontade Humana

Lição 8 – Soberania Divina e Evangelização – Parte 2
A Vocação Eficaz

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Guilherme Ledes

BASE BÍBLICA CENTRAL: 2 Ts 2.13-14

Este é um dos diversos textos no novo testamento onde é citada a Chamada Eficaz. Neste texto vemos a estrita ligação entre o chamado, a conversão e a predestinação dos eleitos.

IDEIA CENTRAL

A Vocação Eficaz é a chamada de Deus, por meio da qual Deus leva os pecadores a compreender e responder ao convite do evangelho. Ela difere da Chamada do Evangelho por sua eficácia e por seus destinatários, os eleitos de Deus antes da fundação do mundo.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: O que significa Vocação Eficaz e sua distinção da Chamada do Evangelho.
- Ser: Um crente confiante na pregação, sabendo que a resposta vem do Senhor.
- Agir: Levar o evangelho a todos, deixando a operação de transformação dos corações como realmente é: Obra exclusiva de Deus.

INTRODUÇÃO

Na lição passada estudamos sobre a Chamada do Evangelho e a necessidade de que nela exista responsabilidade, senso de urgência, sinceridade na apresentação, convite e promessas do evangelho. Alguns, equivocadamente, têm argumentado que a crença na soberana graça de Deus vai levar os crentes a diminuir o empenho e esforço no trabalho de evangelização, além de minar todos os itens citados acima, visto que Deus salvará os seus eleitos de qualquer jeito. Nesta lição vamos estudar como este pensamento é errado.

A SOBERANIA DE DEUS EM GRAÇA NOS FORNECE A ÚNICA ESPERANÇA DE SUCESSO NA EVANGELIZAÇÃO

O pensamento citado na introdução não só está equivocado, mas a verdade é exatamente o contrário. “Assim, longe de tornar sem sentido a evangelização, a soberania de Deus em

graça é a única coisa que a previne de ser sem sentido. Pois ela cria a possibilidade – ou melhor, a certeza – de que a evangelização será frutífera. À parte dela não existiria nem sequer uma só possibilidade de a evangelização dar frutos. Se não fosse pela graça soberana de Deus, a evangelização seria o empreendimento mais fútil e inútil que o mundo viu, e não haveria perda de tempo mais completa sob o sol do que a pregação do evangelho cristão"[1]. Isto ocorre por causa da incapacidade espiritual do homem do pecado.

A INCAPACIDADE ESPIRITUAL DO HOMEM DO PECADO

A Bíblia apresenta esta verdade de forma incontestável. Os reformadores a chamaram de Depravação Total. Esta é a condição que se encontra a humanidade caída. Após a queda, houve uma ruptura entre Deus e o homem, uma separação intransponível pela capacidade do homem. Paulo fala da nossa condição antes de nos convertermos como mortos em nossos delitos e pecados (Ef 2.1-3), ou escravos do pecado, debaixo da ira de Deus. O homem caído tem a mente obscurecida, sendo incapaz de entender a verdade espiritual (1 Co 2.14). O homem não pode agradar a Deus por uma total incapacidade (Rm 8.7-8). Além disso, a Bíblia nos diz que Satanás está constantemente ativo para manter os pecadores no seu estado natural, para garantir que eles não obedeçam a Deus, cegos para entender as verdades do evangelho (2 Co 4.4). "Nós não estamos simplesmente enfraquecidos, exaustos ou doentes. Esse é um câncer que não podemos curar; uma morte em vida, uma situação da qual não podemos nos livrar. É uma morte espiritual e ainda mais."[3] Rm 3.9-18

Esta incapacidade impossibilita qualquer sucesso no evangelho, se a graça de Deus não atingir primeiro. O morto não tem como agir em seu benefício. Em João 6.44 "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer." Os arminianos creem em uma capacidade da vontade humana em se volver para Deus, em direção à salvação, que a Bíblia não apresenta. Isto significa que pregar o evangelho, confiado em nossa capacidade de convencimento, através de uma exposição clara, fluente e atrativa, mesmo com a organização de cultos especiais, distribuição de folhetos, cartazes e publicidade, mas confiando na capacidade humana de se volverem para Deus, biblicamente falando, está predestinada ao fracasso. Esta confiança neste frágil fundamento é facilmente abalada pelo eventual insucesso. A história da igreja apresenta inúmeros casos de desilusões.

A POSTURA DO EVANGELISTA NA EVANGELIZAÇÃO BÍBLICA

A única esperança em manter firme a nossa confiança na evangelização, diante de todos os cenários possíveis, seja de "sucessos" ou dificuldades, é a plena confiança no Senhor, aprendendo a descansar todas as nossas esperanças de frutos na evangelização sobre a graça onipresente de Deus. Deus faz o que nós não podemos fazer. Ele é o autor e consumador da nossa fé. A Bíblia retrata o arrependimento como obra de Deus e do

homem. Aqui encontramos a antinomia citada nas lições anteriores. Como obra de Deus podemos ver em At 1.18 e em 2 Tm 2.25, além de outros. É desta forma que precisamos confiar que Deus vai agir: "O pregador precisa conclamar as pessoas ao arrependimento e à conversão, mas só Deus pode dar-lhes o poder para que se arrependam. É necessário manter em mente esses dois aspectos da verdade: (1) é dever solene do pregador chamar o povo ao arrependimento; (2) Deus é quem soberanamente concede ao povo o dom do arrependimento, capacitando-os a retornar a Ele."[2] Esta confiança nos mantem firmes.

VOCAÇÃO EFICAZ

A Vocação Eficaz também é conhecida como Chamada Eficaz. Ela difere da Chamada do Evangelho pelo resultado eficaz da obra do Espírito Santo em conceder o Novo Nascimento a um coração inerte. "A Vocação Eficaz trata-se de uma operação por meio da qual Deus leva os pecadores a compreender e responder ao convite do evangelho. Trata-se de uma obra de poder criativo: por meio dela Deus dá aos homens um novo coração, livrando-os da escravidão do pecado, abolindo a sua incapacidade de conhecer e agir de acordo com a verdade de Deus, conduzindo-os a voltarem-se verdadeiramente para Deus e confiarem em Cristo como o seu Salvador. Por meio dela, ainda, Deus quebra a influência de Satanás sobre a vida deles, livrando-os do domínio das trevas e transportando-os para 'o reino do Filho do seu amor'. Trata-se, portanto, de uma chamada que gera a resposta que ela procura, e confere a bênção para a qual ela convida."[1] Jo 6.35-40; 44-45; Ef 2.4-5.

Observamos na Bíblia a distinção entre os dois chamados, do evangelho e eficaz. Veja 1 Co 1.22-24. A mensagem de Cristo era escândalo para o judeus e loucura para os gentios. "Mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus." Este chamado (*kletois*), como sempre nas epístolas do NT, diz respeito ao chamado efetivo que salva. Veja a distinção do chamado para aqueles, aos quais o evangelho é uma pedra de tropeço ou loucura, e aqueles que são escolhidos por Deus. Este é o mesmo chamado de 1 Co 1.9. Em contrapartida veja o convite (*ton keklemenon*) em Lc 14.24. Veja o chamado efetivo também em Rm 8.28-30. São chamados (*kletoi*) segundo o Seu propósito, fundado na escolha deles em Cristo antes da criação do mundo (Ef 1.4). Diversos outros textos apresentam este chamado eficaz.[2] pag. 91, 92

Esta é a grande razão porque nós vemos os apóstolos e a igreja primitiva pregando com tanta convicção e confiança, mesmo diante de tanta perseguição e revezes. Jesus disse: "Ninguém pode via a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer" e "Todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim". Jesus ensinou acerca da certeza de salvação de todos aqueles que Deus escolheu: "Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora."

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO

Alguns efeitos em nossa atitude de evangelização são imediatos em função da confiança e certeza nesta doutrina da Vocação Eficaz: (1) Nos tornar ousados: Deus pode conceder à Sua verdade uma eficácia que ninguém pode; fazer triunfar sobre os incrédulos de corações endurecidos e hostis e convertê-los; (2) A confiança deve nos tornar pacientes: O tempo é de Deus. Deveríamos aprender a não interferir no tempo de Deus; (3) A confiança deve nos tornar crentes de oração: A nossa incapacidade nos faz dobrar diante de Deus, para que o Espírito Santo abra o coração deles. Somos instrumentos de Deus e precisamos ser encontrados úteis. Paulo, que conhecia muito bem esta doutrina, solicitava aos crentes para que orassem por eles, para que a evangelização provasse ser frutífera, ser glorificada, pelo efeito dela na conversão de pecadores. Para Paulo, esse era um pedido urgente.

"O que devemos dizer agora sobre a sugestão de que uma fé sincera na soberania de Deus é desfavorável à evangelização? Somos forçados a dizer que todo aquele que levanta essa hipótese está mostrando que não entendeu o verdadeiro significado da doutrina da soberania divina. Ela não só dá sustentação e apoio à evangelização, alimentando esperanças de sucesso, que não poderiam ser oferecidas de nenhuma outra maneira; ela também nos ensina a manter juntas a pregação e a oração; e da mesma maneira como nos torna ousados e confiantes diante dos homens, ela também nos torna humildes e persistentes diante de Deus. E não é assim mesmo que as coisas devem ser? Com isso, não queremos dizer que as pessoas não devem evangelizar sem estar de acordo com essa doutrina; mas nos aventuramos a pensar que elas serão capazes de evangelizar melhor se crerem nessa doutrina."[1]

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Como você entendeu que a Chamada Eficaz é a única esperança na evangelização?
2. Qual o papel da oração em todo este processo e qual a sua relevância diante desta doutrina?
3. Quais os efeitos que a confiança e certeza, em função desta doutrina, têm sobre a nossa atitude quando evangelizamos?

REFERÊNCIAS:

[1] PACKER, J. I. **Evangelização e a Soberania de Deus**: **Se Deus é Soberano na Salvação, por que Evangelizar?** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017.

[2] HOEKEMA, A. **Salvos pela Graça: A Doutrina Bíblica da Salvação.** São Paulo, Ed. Cultura Cristã, 2002.

[3] DIXHOORN, Chad Van. **Guia de estudos da Confissão de Fé de Westminster.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2017.

ELEIÇÃO, LIVRE ARBÍTRIO E EVANGELISMO

Dependência de Deus ou Apelo à Vontade Humana

Lição 9 – Conclusão

Professores: Pb. Eber Hávila Rose e Guilherme Ledes

BASE BÍBLICA CENTRAL: Rm 11.33-36

A exposição anterior de Paulo a respeito da magnífica obra de Deus, a beleza do evangelho e o poder de Deus levou o apóstolo a irromper em um dos louvores mais bonitos da Bíblia.

IDEIA CENTRAL

À luz da rica e confortadora doutrina da Eleição, a Bíblia nos mostra, ao contrário do que alguns possam pensar, que a Soberania de Deus é um grande incentivo para a evangelização e que o Deus soberano que decreta os fins (a salvação dos eleitos) é o mesmo Deus que decreta os meios (nós), para que seus fins sejam realizados na história.

OBJETIVOS - Ao final desta lição o leitor estará em condições de:

- Saber: Compreender a relação entre Soberania de Deus e Responsabilidade Humana e como isso pode impactar o envolvimento dos crentes, no trabalho de evangelização
- Ser: Um crente com posição amadurecida em relação aos temas aqui abordados
- Agir: Testemunhar e proclamar o Evangelho no dia a dia

INTRODUÇÃO

Este curso abordou um tema complexo por um lado, mas cativante por outro. Ter um posicionamento bem alicerçado biblicamente neste assunto tem implicações práticas de vida de fé, confiança em Deus e especialmente envolvimento no trabalho de evangelismo de forma ousada, paciente e submissa à vontade soberana de Deus, buscando em oração e súplica a capacitação do Espírito Santo para testemunhar e a ação de Deus nos corações dos perdidos. Nesta última lição, faremos uma revisão sucinta de cada uma das lições estudadas e debates abordando pontos salientes destacados em cada uma delas.

Aula 1 – A Soberania Divina

O ensino bíblico tão precioso da soberania de Deus tem sido menosprezado pela sociedade atual devido às influências humanistas, com centralização do homem e a visão de um Deus enfraquecido. A Bíblia nos apresenta Deus muito diferente desta visão secular. Deus reina soberano sobre tudo e sobre todos. Ele é o início, o meio e o fim. Ele controla todas as

coisas debaixo do Seu poder infinito. Nada pode resistir à sua Vontade soberana. Deus é a fonte, o sustentador e o justo fim de tudo o que existe. A soberania de Deus é uma doutrina fundamental, sobre a qual estão alicerçadas todas as verdades bíblicas. A compreensão deste ensino em sua profundidade é requisito necessário para preservar a igreja das influências humanistas atuais e manter os crentes tranquilos, confiantes e seguros, mesmo diante dos grandes desafios porque passa a igreja.

Questão: Procure meditar nas implicações práticas para a sua vida na compreensão em toda a sua amplitude do ensino sobre a soberania de Deus.

Aula 2 – Soberania Divina e Responsabilidade Humana – Parte 1 – Quatro perspectivas diferentes

A soberania de Deus e a responsabilidade humana estão presentes de forma clara e explícita em toda a Bíblia. Teólogos e pensadores têm se debruçado sobre estas questões e apresentam diferentes entendimentos sobre como compatibilizá-las. São eles:

Deus decreta todas as coisas – John S. Feinberg: Ele é determinista. Feinberg apresenta o conceito de causas não constrangedoras, as quais são suficientes para promover uma ação; contudo, não forçam a pessoa a agir contra sua vontade, ou conta seus desejos, chamado também de determinismo suave ou compatibilismo. Deus estaria agindo dentro deste conceito.

Deus sabe todas as coisas – Norman Geisler: A sua defesa está ligada a um Deus que se abstrai do tempo, um Ser simples que consegue, com Seu poder, determinar todas as coisas e mesmo assim conceder o livre arbítrio.

Deus limita seu poder – Bruce Reichenbach: Deus limita o seu poder para conceder o livre arbítrio, e usa a persuasão, na maioria das vezes, para concretizar Suas intensões. Os fins últimos de Deus serão atingidos pela Sua providência.

Deus limita seu conhecimento – Clark Pinnock . Ele propõe um novo entendimento do teísmo clássico, no qual Deus não tem conhecimento efetivo do futuro, conhecido como "openteísmo" ou "teísmo aberto".

Questão: Destaque pontos fortes e pontos fracos em cada um destes pensamentos.

Aula 3 – Soberania Divina e Responsabilidade Humana – Parte 2 – Visão Reformada

A soberania de Deus e a responsabilidade humana são encontradas na Bíblia inúmeras vezes, e em alguns casos dentro de um mesmo versículo. Não devemos confrontar estas duas verdades, nem jogá-las uma contra a outra, mas aceitá-las como a Bíblia nos apresenta. Elas podem, a princípio, nos parecer contraditórias em nossa finita filosofia, mas chegará o dia em que todas estas coisas serão esclarecidas. **Livre agência:** O homem é

um agente livre. Ele não é coagido a agir fora da sua vontade. Ele tem capacidade de autodeterminação racional. Ele continua com suas capacidades naturais para a tomada de decisão. O homem faz sempre aquilo que lhe agrada, que lhe parece melhor, à luz dos fatos e sentimentos envolvidos. Ele é livre para fazer o que lhe aprouver, mas não, necessariamente, faz aquilo que moralmente deveria fazer. **Antinomia:** "Uma contradição entre conclusões que parecem igualmente lógicas, razoáveis ou necessárias". São duas verdades que sobrevivem por si mesmas, mas que aparentemente se contradizem. São dois princípios irreconciliáveis, ainda que ambos sejam inegáveis.

Questão: Quais as consequências na ênfase dos extremos nesta antinomia?

Aula 4 – Livre-Arbítrio ou Arbítrio-Escravo

> III. O homem, caindo em um estado de pecado, perdeu totalmente todo o poder de vontade quanto a qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação, de sorte que um homem natural, inteiramente adverso a esse bem e morto no pecado, é incapaz de, pelo seu pr6prio poder, converter-se ou mesmo preparar-se para isso. *Ref.* Rom. 5:6 e 8:7-8; João 15:5; Rom. 3:9-10, 12, 23; Ef.2:1, 5; Col. 2:13; João 6:44, 65; I Cor. 2:14; Tito 3:3-5. CFW cap. 9.

Após a queda a vontade do homem continua livre, mas esta tem propensão para fazer somente aquilo que lhe é próprio, ou seja, propensão para o mal, impelido pelo desejo natural de praticar o pecado. Isto foi o que Lutero chamou de "A Escravidão da Vontade". Somente quando entendemos com profundidade o real significado da depravação total, da pecaminosidade e da culpabilidade humana, das consequências nefastas da queda do homem é que chegamos à conclusão inevitável da incapacidade humana para escolher o bem. Mesmo ele sendo um agente livre, a sua vontade sempre o inclina para o mal.

Questão: Qual a diferença entre Livre Agencia e Livre Arbítrio?

Aula 5 – A Evangelização – Parte 1 – Os Perigos de uma Evangel. Descomprometida

A grande influência do pensamento teológico arminiano influenciou fortemente a metodologia na realização do evangelismo moderno, realçando a vontade humana em detrimento da soberania de Deus. O evangelismo calvinista busca destacar as duas verdades da soberania de Deus e responsabilidade humana como verdades bíblicas.

Questão: Existe alguma diferença entre a evangelização arminiana e reformada?

Aula 6 – A Evangelização – Parte 2 – Apresentação Genuína do Evangelho de Cristo

A evangelização é o mandamento do Senhor para toda a Sua igreja. A Bíblia nos instrui através do ensino e exemplos que evangelização significa apresentar Jesus Cristo em pessoa, o Salvador que vive e reina; que o conteúdo do evangelho é apresentar Deus, o pecado, Jesus Cristo, conversão pela graça, através de arrependimento e fé; a motivação é a glória de Deus e o amor ao próximo e os métodos são explicar e aplicar o evangelho.

Questão: Em que sentido podemos afirmar que existe uma distorção nos meios e métodos da evangelização moderna.

Aula 7 – Soberania Divina e Evangelização - Parte 1 – O Chamado do Evangelho

A soberania de Deus, compreendida na sua plenitude, é uma verdade inalterável, mas ela não compromete o preceito de Deus da nossa responsabilidade, senso de urgência e sinceridade na apresentação e convite do evangelho e a verdade das promessas – o Chamado do Evangelho. O calvinismo bem entendido e biblicamente alicerçado age assim.

Questão: Porque tratar da sinceridade dos convites a Cristo e das promessas do evangelho, e que isto afeta a nossa evangelização?

Aula 8 – Soberania Divina e Evangelização - Parte 1 – A Vocação Eficaz

Alguns, equivocadamente, têm argumentado que a crença na soberana graça de Deus vai levar os crentes a diminuir o empenho e esforço no trabalho de evangelização. Este pensamento não só está equivocado, mas a verdade é exatamente o contrário. "Assim, longe de tornar sem sentido a evangelização, a soberania de Deus em graça é a única coisa que a previne de ser sem sentido. Pois ela nos assegura que a evangelização será frutífera. À parte dela não existiria nem sequer uma só possibilidade de a evangelização dar frutos. Isto ocorre por causa da incapacidade espiritual do homem do pecado.

Questão: Em que sentido a Vocação Eficaz nos dá segurança de sucesso na evangelização?

CONCLUSÃO E APLICAÇÃO GERAL DO CURSO

Através deste curso tivemos a oportunidade de aprender muitas verdades a respeito da Grande Comissão nos dada por Jesus, e entender este ministério à luz da Soberania de Deus; compreender que, à parte desta, a evangelização seria o empreendimento mais fútil e inútil que o mundo viu, e não haveria perda de tempo mais completa sob o sol do que a pregação do evangelho cristão, em função da incapacidade espiritual do homem, morto em seus delitos e pecados. Aprendemos que a soberania de Deus não elimina a responsabilidade humana, tanto de se arrepender e crer, quanto a de pregar com um senso de urgência, sinceridade na apresentação e convite do evangelho e na verdade das promessas. Aprendemos que minimizar a soberania de Deus torna o evangelismo muito mais voltado para o homem, com as distorções naturais advindas disto. A Bíblia nos instrui através do ensino e exemplos que evangelização significa apresentar Jesus Cristo em pessoa, o Salvador que vive e reina; que o conteúdo do evangelho é apresentar Deus, o pecado, Jesus Cristo, conversão pela graça, através de arrependimento e fé; a motivação é a glória de Deus e o amor ao próximo e os métodos são explicar e aplicar o evangelho.

APRESENTAÇÃO DO EVANGELHO

I. Introdução

A. **A vida secular deles**
B. **A experiência deles sobre a igreja**
C. **A nossa igreja**
D. **Testemunho: pessoal ou da igreja**
E. **Duas perguntas: (sobre o céu)**

1. **Tem certeza que se morresse hoje iria para o céu?**
   I Jo 5:13 *- Estas coisas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna.*
2. **Se na porta do Céu Deus lhe perguntasse: "Por que deveria Eu permitir a sua entrada em Meu céu?"**
   Pv 14:12 *- Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá caminhos de morte.*

II. O Evangelho

A. O homem

1. **É pecador**
   Rm 3:23 *- Pois todos pecaram e car. da glória de Deus.*
   Rm 3:10-12 *- Como está escrito: Não há justo, nem sequer um. Não há quem entenda, não há quem busque a Deus. Todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequ*
   Rm 64:6 *– Mas todos nós somos .. como trapo de imun*

   Pecado por palavra, ação ou pensamento

   Mt 5:21,22,27,28 *- Ouvistes que foi dito... quem matar estará sujeito a julgamento... eu, porém, vos digo que aquele que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Ouviste que foi dito: Não adulterarás. Eu porém vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela.*
   Jo 7:19 *- Não vos deu Moisés a lei? Contudo ninguém dentre vós a observa.*
   Pecados de Omissão Tg 4:17 – sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando

   Ilust. Nº de pecados.

2. **Não pode salvar-se**
   Tt 3:5 *- Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou.*
   Ef 2:9 *- Não de obras, para que ninguém se glorie.*
   Pv 14:12 *- Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminho de morte.*
   Nota necessária para salvação:

   Mt 5:48 *- Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celeste.*
   Gl 3:10 *- Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no livro da lei, para praticá-las.*
   Tg 2:10 *- Qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos.*

Ilustrações:
Incapacidade do homem
1) O abismo de 30 metros de largura. Alguns pulam 8 m, outros 5 m, outros 1m, mas todos caem por melhor que sejam.
2) O limoeiro de limões azedos cheio de laranjas doces artificialmente penduradas.
3) O agente secreto infiltrado na China pode treinar para se parecer com chinês, pode fazer uma plástica. Pode confundir os outros, mas de fato ele não é chinês. Para sê-lo deveria nascer em pais chinês.

B. Deus

1. **É misericordioso - portanto não deseja punir-nos**
   I Jo 4:8 *- Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor.*
   Jr 31:3 *- Com amor eterno eu te amei.*

2. **É justo portanto deve punir o pecado.**
   Sl 89:32 *- Então punirei com vara as suas transgressões, e com açoites, a sua iniqüidade.*
   Ex 34:7b *- Deus não inocenta o culpado.*

   Eu sou santo e justo e reto. Sou puro de olhos, que não posso ver o mal. A alma que pecar, morrerá. ***(Lv 11:45; Dt 32:4; Ez 18:20) Hc 1:13; Sl 7:11-12; Pv 17:15***

   Ilustrações:
   Santidade de Deus
   A orquestra com um instrumento que desafina.
   O aborto natural por problemas biológicos. .// O juiz justo condena o culpado, do contrário ele é injusto. // O livro de nossa vida com a relação de todos os nossos pecados.

C. Cristo

1. **Quem é Ele - o infinito Deus-homem**
   Jo 1:1 *- No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.*
   Is 9:6 *- Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.*
   Jo 20:28 *- Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu.*
   Lc 10:22 *- Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.*
   Cl 1:13-23; Cl 2:14-15; Hb 2:14,15

2. **O Que fez Ele -** pagou por nossos pecados e adquiriu um lugar no céu para nós, o qual Ele oferece como dádiva e que pode ser recebido por todo aquele que se arrepende e O aceita como Salvador de sua vida.

Hb 9:22 *– Com efeito, quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e, sem derramamento de sangue, não há remissão.*

Is 53:4,6 *- Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus, e oprimido. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos.*

I Pe 2:24 *- Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados.*

Ilustrações: A obra de Cristo

Pecado do homem + Justiça de Deus = Perdição

Pecado do homem + Justiça de Deus + Amor de Deus = A Cruz de Cristo.

O Livro com os registros de nossa vida. Sangue de Jesus

A misericórdia de Deus

Alguém falou ao moribundo Thomas Hooker: "Irmão, você vai receber o prêmio de seus labores". Humildemente ele replicou: "Irmão, vou receber misericórdia".

D. Graça

1. **O céu é uma dádiva gratuita**
2. **Não é ganho por esforço próprio ou merecido**

Rm 6:23 *- Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor.*

Ef 2.8-9

Ilustrações: Boas obras

Alguém ganha um presente caro e quer ajudar a pagar. Isto seria um insulto, ainda mais se o valor oferecido é irrisório.

A mesa de finíssimo acabamento. Aquele que a recebe que dar uma ajuda e pega uma lixa. Mas o artesão competente diz: "Ela está acabada".

E. Arrependimento

At 2:38; Pv 28:13; Lc 5:32; 13:5

F. Fé

1. **O que ela não é - mero assentimento intelectual**

Tg 2:19 *- Crês tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios crêem e tremem.*

Mt 8:29 *- E eis que gritavam: Que temos nós contigo, ó Filho de Deus! Vieste aqui atormentar-nos antes de tempo?*

Ilust. Semelhança entre as chaves, mas só uma abre a porta

A fé salvadora não é temporal

2. **O que ela é - "confiar somente em Jesus Cristo para nossa salvação"**

At 16:31 *- Responderam-lhe: Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e tua casa.*

Lc 5:32 *Não vim chamar justos, e sim pec...*

Jo 3:36 *- Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus.*

Ef 2:8,9 *- Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie.*

Ilust. A cadeira vazia. A pessoa pode crer que a cadeira pode sustentá-la, mas isto só ocorrerá se ela se sentar.

O motivo de uma vida piedosa é a gratidão.

2 Co 5:14 *- O amor de Cristo nos constrange.*

I Co 6:20 *– Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo.*

Ilustrações:

Fé

1) O equilibrista sobre as Cataratas do Niagara. Interrogou a um homem se acreditava que ele poderia atravessar com uma pessoa nas costas. A resposta foi afirmativa. Convidou-o a fazer isto e o homem se recusou.

2) É preciso ter fé em alguma coisa que pode resolver. Fé nos freios do carro, mas se o cano que conduz o fluido estiver quebrado... Entra no banheiro escuro para tomar uma aspirina contra a dor de cabeça e pega erradamente veneno..."Ele morreu na fé".

Spurgeon:	conhecimento,	convicção,	confiança
Lloyd Jones:	consciência,	aceitação,	compromisso
	Conhece Jesus;	Salvador;	Senhor

III. A entrega de si mesmo

A. **Pergunta qualificadora** (esclarecimentos e resposta à 2ª pergunta do início: Eu fui remido no sangue do Cordeiro)

B. **A exortação de entrega**

Jo 1:11,12 *- Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus.*

Hb 3:8 – Hoje se ouvires a sua voz, não endureçais ...

C. **A clarificação da entrega**

Ap 3:20 *- Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e cearei*

Jr 29:13 *- Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração*

D. **A oração de entrega**

Sl 103:12 *- Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões.*

Jo 5:24 *- ...Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida.*

Jo 3:16 *- Porque Deus amou...*

E. **A certeza da salvação**

Jo 6:47 *- Em verdade, em verdade vos digo: Quem crê, tem a vida eterna*

II Co 5.17 *– se alguém está em Cristo é nova criatura*